

PRÊMIO NOVA
1989

MEERLON

ANO III # 13 NOV./DEZ. 90

DOIS
ANOS!

ANTICHRISTMAS JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES



GERSON LODI-RIBEIRO

ORSON SCOTT CARD



Ano III Número 13 Novembro/Dezembro 1990

FUNDADORES: Marcelle Simão Branco e Renato Resatti

EDITOR: Marcelle Simão Branco

Editor Adjunto: Roberto de Sousa Cause

Colaboradores: Gilberto Schoereder, Jorge Luiz Calife, Miguel Carqueija e Orson Scott Card (USA)

EDITORIAL

MEGALON chega a dois anos regulares de publicação, Prêmio Nova 1989, contos e artigos internacionais, participação exclusiva de Orson Scott Card e colaboração de alguns dos mais talentosos nomes de nossa FC. Talvez o primeiro a assumir e efetivar regularmente o gênero Horror, sempre relegado a segundo plano dentro do fandom. Boa parte destas realizações se deve ao idealismo e competência de Renato Resatti. Infelizmente ele deixou a edição de fanzine, alegando motivos financeiros e desmotivação. Todos sabemos que editar um fanzine só dá prejuízo, não é uma publicação que visa o lucro; desmotivação é mais grave. Se desmotivou pela queda de assinantes, críticas maldosas e falta de apoio de parte de setores do fandom. Isso é lamentável se considerarmos que fora o MEGALON, só existe o Somnium e o irregular Papêra Uirandê para abrir espaço a novos talentos, debater questões sobre os gêneros, informar o que ocorre em nesse mundo todo especial. Concordo com as opiniões de Renato, mas não com sua atitude. Tanto é que continue na luta, por prazer e idealismo, contribuindo um pouquinho para a FC nacional, sem me importar com algumas pessoas que pixam, atrapalham e me enchem o saco. Roberto de Sousa Cause, o mais ativo fa de nossa FC, agora me ajuda na produção do zine. Não é surpresa, pois sempre foi uma pessoa que apoiou e ajudou no que foi possível. Não promete a regularidade anterior, tenham paciência, mas o conteúdo e a qualidade será, no mínimo, a mesma. Divirtam-se e até a próxima. O Editor

ENDEREÇO

Assinatura (12 BTN Fiscal por 2 edições), Correspondência e envio de trabalhos:

Av. Clara Mantelli, 110
04771 São Paulo - SP Brasil

ÍNDICE

FICÇÃO

Contos	
- Antichristmas	7
- Cometas	12
- O Vôo de Ranferrince	14
- Corte	19

ARTIGOS

- I InteriorCon	20
- Resenhas	22
- 5 Anos de CLFC	26
- L. Ron Hubbard's Contest	28

ILUSTRAÇÕES

+ César R.T. Silva	40
- José Carlos Neves	23, 25, 40
- Roberto de Sousa Cause	capa, 11
- Roberto Schima	16, 18, 19, 31, 35, 37
- Adalberto J. dos Santos	13

SEÇÕES

+ Editorial	2
- Diário de Bordo	3
- Ciência	29
- Galeria de Tempo	30
- Books to Look For	32
- Classics	34
- Índice Geral - Ano II	36
- Cartas	39

MEGALON é uma publicação bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação da editoria. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem jus a qualquer remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem necessariamente a da editoria.

Recado aos colaboradores: por favor queiram entregar seus trabalhos até 15 DIAS depois de receberem este exemplar. Obrigade.

Deu-se em Sumaré-SP, de 12 a 14 de outubro, a I InteriorCon, convenção de FC que contou com a presença do autor norte-americano ORSON SCOTT CARD (à dir.), e inúmeras personalidades de proa da FC no Brasil, entre as quais os autores HENRIQUE VILLIBOR FLORY, IVAN CARLOS REGINA, BRAULIO TAVARES, IVANIR CALADO, ANDRÉ CARNEIRO JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES, entre outros, além de figuras importantes dentro das articulações do fandom brasileiro, como PIERLUIGI PIAZZI e SILVIO ALEXANDRE F. NETO, responsáveis pela área de FC da Ed. Aleph, que publica Card, R. C. NASCIMENTO e LUÍZ MARCOS FONSECA, nomes ligados ao CLFC, MARCELLO S. BRANCO, e outros editores de fanzines. Apesar das atribulações vividas antes e durante o evento, este parece ter se revestido de sucesso, especialmente graças à participação dinâmica e massiva de fãs do Rio de Janeiro. Embora o tema da convenção, "o Movimento Antropofágico da FC Brasileira", não tenha sido bem desenvolvido, alguns dos argumentos levantados deverão repercutir no futuro, bem como o teor das várias atividades realizadas.

As realizações mais importantes da InteriorCon certamente foram o fortalecimento do espírito de corpo do fandom nacional — especialmente após a experiência do fandom americano transmitida por Card —, a reunião proveitosa da maioria daqueles que hoje estão realizando trabalhos importantes para a FC no Brasil, mais um passo na internacionalização do fandom brasileiro — e da FC brasileira —, a oportunidade de se discutir a busca por uma FC mais brasileira, e o convívio com uma figura destacada no quadro da FC mundial.

— Outras atividades de ORSON SCOTT CARD no Brasil incluíram visita à oficina literária coordenada por ANDRÉ CARNEIRO, entrevista aos programas de TV "Metropolis" (RTC) e "Ponto de Vista" (Redord) e aos jornais "A Folha de São Paulo" e "Diário do Povo", além de visita pessoal a RUBENS TEIXEIRA SCAVONE, e uma noite de autógrafos em uma das livrarias Siciliano de

— CARD trouxe consigo os originais do terceiro volume da série de romances de Ender Wiggin, *Xenocida*, entregue quase que simultaneamente à editora americana TOR e à brasileira Aleph. CARD trouxe consigo também a boa nova de que buscará facilitar a entrada de autores brasileiros no mercado americano. A Espinha Dorsal da Memória, de BRAULIO TAVARES já está sofrendo tradução para o inglês, visando submissão às revistas americanas. HENRIQUE VILLIBOR FLORY é outro autor que lhe despertou a atenção, e no momento estuda-se a possibilidade de tradução do conto "Só Sei que Não Vou por Ai", de Flory. Card também anunciou seu interesse em comprar o conto "Trilhas Cruzadas", de ROBERTO DE SOUSA CAUSO (acima), este seu colunista. O conto foi recentemente publicado no *Somnium*, e deverá fazer parte da antologia *Strangers*, organizada por Card e MARTIN H. GREENBERG.

— GERSON LODI-RIBEIRO, após ter seu conto "Xenopsicólogos na Fase Verde" publicado no semi-prozine francês *Antares* submeteu novo trabalho ao editor JEAN-PIERRE MOUMON, que o devolveu recomendando que Gerson o fizesse ainda mais hard. O trabalho deverá sair no próximo ano. Moumon atualmente está interessado em novelas longas ou romances curtos. A submissão de trabalhos pode ser feita através de mim como intermediário, ou diretamente. O endereço: La Magali, Chemin Calabro, 83160 La Valette, França.

— IVANIR CALADO, escritor carioca, é autor de uma excelente fantasia contemporânea passada principalmente na Amazônia, *A Mãe do Sonho*, que é certamente o primeiro trabalho moderno a incorporar uma brasilidade explícita a um contexto fantástico consistente. Além de bom romancista é um grande sujeito, como pude atestar durante a InteriorCon. Já tem muitos fãs entre os que tiveram a oportunidade de ler seu romance, e configura-se como uma das principais promessas para a FC/fantasia na década de noventa, entre os brasileiros.

— JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES, autor muito visto nos fanzines, lançou seu primeiro livro durante a comemoração de aniversário do CLFC. O título é *Do Outro Lado do Tempo*, e é uma realização da série Ficção Científica GRD, de GUMERCINDO ROCHA DÓREA. A estreia profissional de Fernandes foi com o conto "Atendimento Doméstico", em *Enquanto Houver Natal*, também da FC GRD. Ele tem também em vista o projeto de um romance, passado num Brasil pós guerra nuclear.

— *Tensões Distribuídas* é o segundo livro lançado pela HVF Distribuições, a editora de HENRIQUE VILLIBOR FLORY. Trata-se de uma coleção de contos e poemas pelos alunos do Instituto Tecnológico



Aerospacial (onde Flory já estudou), com alguns trabalhos de FC e um novo conto de Flory, "Samuel Leopold", que vale à pena ser conferido. Escreva para R. Joaquim Antunes 922 ap.03 Pinheiros, São Paulo-SP 05415.

— SILVIO ALEXANDRE F. NETO, conhecido fã e o editor responsável pela coleção Zenith, responde agora também pelo "Caderno de Ficção Científica", um espaço para divulgação da ficção científica no Brasil, dentro da Revista HQ, um informativo sobre quadrinhos que dispõe também de uma página para divulgação de fanzines. Silvío Alexandre informa que o "Caderno de Ficção Científica" incluirá resenhas e notas sobre eventos, etc., e que ele está aberto à colaborações. O surgimento de mais este espaço é um reflexo do crescimento do interesse e da atuação dos fãs do gênero no país, e dos esforços pessoais de Silvío, que tem, inclusive, levado a conhecimento de editoras e órgãos da imprensa, as realizações do fandom. Para submeter colaborações ao "Caderno de Ficção Científica" da Revista HQ, escreva para "Caderno de FC", Rua Capote Viente, 1023 - Jd. América - São Paulo-SP 20560.

— SYLVIO GONÇALVES está de volta com sua seção "Túnel do Tempo", de resenha de antigos clássicos da FC cinematográfica, na revista de cinema *Cinemim* N° 66, onde ele resenha o primeiro *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Esperemos que a coluna esteja presente em cada nova edição da revista. Gonçalves — que esteve na InteriorCon, onde fez a leitura de um conto muito inquietante de sua autoria — tem publicado resenhas de vídeo e cinema na *Isaac Asimov Magazine*. Outras participações recentes dele na *Cinemim* incluem resenhas de *RoboCop 2*, *Gremlins 2*, *As Tartarugas Ninja* e *O Vingador do Futuro*, no número anterior...

—...que também traz uma participação de GILBERTO SCHOEREDER, na forma de um levantamento sobre robôs e andróides no cinema. Schoeder, que venceu o Prêmio Nova 1989 para Melhor Trabalho de Resenha, é igualmente um resenhador free-lancer de vídeo e cinema, e escreveu o livro de referências *Ficção Científica* (Francisco Alves).

— ROBERTO SCHIMA, vencedor do Prêmio Nova 1989 para Melhor Ilustrador Fã, terá sua estreia profissional com ilustrações internas para o romance *Ordador dos Mortos*, de Orson Scott Card. O livro deverá sair pela Aleph em 1991, contendo ainda um novo ensaio crítico sobre o autor (de minha autoria) e verbetes científicos por PIERLUIGI PIAZZI — cujo talento didático tivemos nova oportunidade de testemunhar durante a InteriorCon.

— PIAZZI informa, para desalento dos fãs que repressam suas esperanças na Coleção Zenith, que sua editora, a Aleph, passa por problemas decorrentes do processo de recessão em que o país ingressa. Os livreiros relutam em adquirir novos títulos, enquanto, deixou claro PiaZZi, "eu estou sentado em um estoque de um quarto de milhão de dólares".

Não obstante, o segundo título da Zenith já se encontra em circulação. Mais uma vez, trata-se de um trabalho extremamente representativo do que de melhor se tem produzido na FC americana nos últimos anos: *Piratas de Dados* (Islands in the Net), de Bruce Sterling, romance finalista do Hugo e Nebula, e vencedor do John W. Campbell Award. O livro traz capa de GUILHERME CURY, ilustrações internas de SPACCA, ensaio crítico por FÁBIO FERNANDES e SILVIO ALEXANDRE F. NETO, além dos verbetes científicos de PIERLUIGI PIAZZI (acima). Todos os fãs têm que torcer pelo êxito da coleção e, quem sabe mesmo tentar sensibilizar os livreiros para que adquiram os livros. Afinal, reclamamos durante tanto tempo a ausência de uma linha de FC que nos trouxesse livros e autores novos e, agora que a temos, não podemos deixar passar em branco os seus esforços.

— ADÉLIA MARQUES RIBEIRO, coordenadora editorial da *Isaac Asimov Magazine*, informou durante a festa de aniversário do CLFC, que a redação da revista tem altas expectativas quanto aos resultados do concurso Prêmio Jerônimo Monteiro. Os jurados prepararam-se para ler um número acima de 250 trabalhos concorrentes. A revista vem apresentando um bom "índice de nacionalização", que deverá culminar com a publicação dos contos vencedores — que inaugurarão o espaço dedicado à ficção nacional na revista. Enquanto isso, os brasileiros participam ilustrações, resenhas e artigos. Novas resenhas por BRAULIO TAVARES, FÁBIO FERNANDES e ROBERTO DE SOUSA CAUSO estão programadas, além de um artigo científico por

GERSON LODI-RIBEIRO.

— LAURA CARDOSO é a mais nova colaboradora de *Isaac Asimov Magazine* na área de ilustrações, dividindo o trabalho de ilustração com LEE MYOUNG YOUNG e ROBERTO DE SOUSA CAUSO.

— Números futuros da *Isaac Asimov Magazine* brasileira incluirão trabalhos de JUDITH MOFFETT, MOLLY GLOSS, KIM STANLEY ROBINSON e JAMES TIPTREE, JR., além de outros autores nunca vistos por aqui. Ao lado da Zenith, a *IAM* está matando a nossa sede de novos autores e nova FC. Infelizmente tem-se registrado uma queda na vendagem da revista, que tanto pode significar uma acomodação natural dos leitores quanto um efeito da recessão, mas que não deixa de preocupar todos os envolvidos. Aqui também o fandom deve se mexer para avaliar o fenômeno e minimizá-lo. A redação da revista está aberta a conselhos e sugestões.

— A Editora Saraiva, do Rio de Janeiro, está preparando o lançamento de uma linha de livros de fantasia interativa assinados por STEVE JACKSON, responsável nos EUA pela empresa Steve Jackson Games. A série chama-se *Fighting Fantasy* e o primeiro volume chama-se *A Cidadela do Caos*. Próximos lançamentos incluem *O Feitiçeiro da Montanha de Fogo* e *A Floresta da Destruição*. Cada livro vem acompanhado de dois dados e um mapa. Informações: Ed. Marques Saraiva, fones (021) 273-9498 e 273-9447.

— A série de livros contando as aventuras de PERRY RHODAN (abaixo) alcança a casa dos 500 títulos, detonando uma ampla campanha de publicidade por parte da editora Tecnoprint, com anúncios coloados na *IAM*, *Veja* e em toda a linha de revistas de passatempo da editora. Perry Rhodan tem distribuição em bancas por todo o país.



— Terminou em 23 de novembro, com um encontro informal de seus participantes, a oficina literária "A Magia da Ficção Científica", uma realização da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, iniciada em 22 de agosto, sob a coordenação de ANDRÉ CARNEIRO. Ao que se saiba, foi a primeira oficina literária especializada no gênero realizada no Brasil. Teve um caráter amplo demais para ser considerada um workshop profissionalizante como o Clarion e outros de que ouvimos falar, mas de qualquer modo uma realização auspiciosa e inspiradora.

Como de hábito em oficinas culturais no Brasil, houve um esvaziamento de participantes, mas pequeno. O clima de amizade foi intenso e todos os "remanescentes" estiveram presentes à confraternização realizada na casa de Carneiro. São eles, para que você possa conferir os passos futuros de suas carreiras: GEANDRO ARAÚJO SANTANA, CÉLIA REGINA DE OLIVEIRA, FINISIA RITA FIDELI, GIL BRAULIO, ROBERTO SCHIMA, SILVIO ALEXANDRE FERREIRA NETO e ROBERTO DE SOUSA CAUSO.

Fique de olho também nos editais da Oficina da Palavra, pois aqui que vem (veja box na página seguinte) é possível que tenhamos nova oficina de FC — especialmente se o fandom agitar isso junto à Secretaria. A despeito desta "porta entreaberta", outras oficinas podem e devem surgir, especialmente as voltadas exclusivamente à literatura e com um caráter profissionalizante — agora já existe um mercado se esboçando e uma FC de melhor consistência aparecendo nos fanzines para servir como base de comparações. Escreva dando seu apoio: Oficina da Palavra (Casa Mário de Andrade), Rua Lopes Chaves, 546 - Barra Funda - São Paulo-SP - CEP 01154 ou pelo fone (011) 66-5803

— Está de volta a esta parte da galáxia o fanzine *Somnium*, desta vez com um humor menos gratuito e mais agradável, satirizando saborosamente o fandom brasileiro. O N° 3, como de hábito, foca sua sátira em cima do fanzine *Somnium*, mas dedicou um bom espaço também a rir da InteriorCon. Para nós, quanto mais amplo melhor. E um fanzine necessário. A sair como acompanhante do *Somnium* N° 48. Se não o conhece, peça o seu: R. Dardanelos, 108/31-B - São Paulo-SP CEP 05468.

—Estará circulando em janeiro o N° 4 do fanzine *Papera Uirandê*, com novas matérias por ORSON SCOTT CARD, JORGE LUIZ CALIFE e BRAULIO TAVARES. No segundo semestre, seguindo o exemplo da *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, haverá um número especial abordando a obra de Stephen King.

—Brevemente também será encontrável os *Anais da InteriorCon*, contendo relatos sobre o evento, uma história inédita de CARD, "América", além de uma entrevista com mais de trinta perguntas com o autor americano. Interessados devem contactar-me pelo fone (019) 73 2534 ou pelo endereço: Caixa Postal 220 - Sumaré-SP - CEP 13170.

—O *Anuário Brasileiro de Ficção Científica* também pretende voltar a circular em 1991, em versão menos ambiciosa, no mesmo tipo que você vê aqui, em meio ofício, abordando eventos, resenhas de cinema, vídeo e livros. Para submeter colaborações nessas áreas, envie-as ao endereço acima. O *Anuário* abordará apenas 1990.

—Independente é um informativo sobre o meio editorial alternativo no Brasil, editado por JOSE FERNANDO SIMONE. O endereço é Cx. Postal 56.027 - Rio de Janeiro-RJ - CEP 22.290, e através da publicação você pode tomar conhecimento de livros alternativos e fanzines, além de poder divulgar o seu. O informativo anuncia também o surgimento do *Enderecário Nacional de Publicações Livres*, publicação que lista fanzines e jornais independentes no Brasil. Custa 500 cruzeiros, em cheque nominal para Simone da Rocha, enviados ao endereço acima.

—Aconteceu em 30 de novembro a celebração dos 5 anos de vida do CLFC, numa promoção do clube, com apoio do Serviço Social do Comércio e organização pela Perfil Acessoria Publicitária, que fez um ótimo trabalho no coquetel comemorativo, ao qual compareceram personalidade significativas na comunidade de ficção científica no Brasil, como JOSE DOS SANTOS FERNANDES (lançando seu primeiro livro) ao lado de seu editor GUMERCINDO ROCHA DÓREA; HENRIQUE VILLIBOR FLORY, apresentando o segundo livro de sua editora; SILVIO ALEXANDRE F. NETO, apresentando sua coluna na Revista HQ; PIERLUIGI PIAZZI; ADELIA MARQUES RIBEIRO, representando a Isaac Asimov Magazine; MARCELLO S. BRANCO; ROBERTO SCHIMA; GERSON LODI-RIBEIRO; ANDRÉ CARNEIRO; LEONARDO NAHO; UM FARIAS; CELIA DE OLIVEIRA e GIL BRAULIO, IVAN CARLOS REGINA e muitos outros. O evento iniciou-se com uma alocução de ROBERTO NASCIMENTO, acerca das origens, propostas e esperanças do clube, seguido de uma exposição do atual presidente LUIZ MARCOS DA FONSECA, sobre as diferenças do atual da FC no Brasil, em comparação àquele primeiro momento ocorrido na década de 1960, opinando que vivemos hoje um movimento irreversível, e destacando a atuação do CLFC nesse quadro promissor. Por fim falou André Carneiro; como sempre de um modo pitoresco, iniciando uma interessante comparação entre o ambiente cultural vivido por ele ao lado de nomes como Oswald de Andrade, com o ambiente entre os associados do clube. Infelizmente Carneiro não concluiu essa abordagem e desviou-se do tema proposto, "a importância do CLFC para a Ficção Científica Brasileira", que é importante e ficará a espera de futura avaliação.

Findos os discursos, iniciou-se o coquetel propriamente dito, com os participantes dividindo-se em grupos animados desenvolvendo conversas de raro aproveitamento e riqueza. A exposição incluiu fotos da Assembléia de Fundação do clube — com os rostos jovens de figuras que hoje exibem as rugas do amadurecimento que sofreram ao lado do CLFC — e da Assembléia Geral do primeiro aniversário; reproduções das matérias jornalísticas que o CLFC motivou através dos anos; exemplos das várias fases do *Somnium*; cartazes das diversas exposições e eventos realizados. A celebração foi um evento agradabilíssimo e especial, evocando sentimentos nostálgicos por parte daqueles que vêm acompanhando os passos dessa que é a mais importante entidade da FC no país e o sustentáculo do atual e auspicioso momento que vivemos. Particularmente devo agradecer a Perfil e ao SESC Carmona, que já é um habitual e essencial parceiro do CLFC em suas realizações, pela oportunidade de vivenciar o encontro, que contou também com patrocínio do Banco Econômico.

COMENTANDO A DÉCADA: 1990, como vocês puderam ver através desta coluna — que mostra apenas o ocorrido nos últimos três meses do ano —, foi a chave de ouro com que foi fechada a ficção científica no Brasil na década de 1980, que foi talvez, a mais produtiva para esta Segunda Época alcançou mesmo um patamar superior, refletindo no modo como sedimentamos um núcleo ativo de fãs que a cada dia fornece mais e mais promissores para as mais diversas áreas de atuação em ficção científica. Do mesmo modo, é lícito dizer que a Geração Oitenta da Ficção Científica Brasileira rivaliza com o nível da Geração GRD de 1960 — ou até mesmo a supera, pois temos hoje autores mais intensos, incisivos, modernos e variados. O que representará o próximo decênio? O primeiro estágio da Segunda Época já desligou-se. Foi o estágio de garimpagem de valores, de consolidação de promessas que brotaram do amadorismo mais óbvio para ganharem o exercício profissional que deverá se intensificar nos próximos anos. Eis o que nos espera, arrisco prever... Um fandom mais forte e mais ativo dando suporte a autores de nível exercitando-se com maior constância e impacto sobre o meio literário nacional. E, o mais importante, repetindo as palavras de Luiz Marcos da Fonseca: já passamos do ponto de implosão. Não haverá um recrudescimento fatal. Dispomos de uma base sólida: os fãs e seu empenho. O que pode acontecer no futuro são as flutuações de uma onda, não a curva derradeira de uma parábola.

RANKING DOS DEZ MELHORES PARA A DÉCADA DE 1990: Arriscando-me a ofender alguns amigos, aqui vai uma lista dos autores que se profissionalizaram de 1980 a 1990 ou que estiveram relativamente ativos e que, se espera, deverão continuar exercitando-se, valendo a sua especial atenção (mas considere que este quadro pode ser alterado a qualquer momento, dependendo dos valores que forem revelados pelo Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine. O próprio espaço fornecido pela revista aos nossos escritores é uma incógnita quanto ao que representará como mercado para eles, o mesmo com a Aleph, a Ficção Científica GRD e a HVF Representações — teremos um mercado real na década de 1990?)

- 1— Braulio Tavares. Seu livro *A Espinha Dorsal da Memória* pode ser considerado a maior realização da FC curta brasileira da década. Escritor que começa a ser respeitado internacionalmente e a ganhar espaço no exterior, tem tudo para angariar leitores fora do gênero (esperemos que ele não o abandone) pela força de sua literatura, em dia com o estágio literário de nosso tempo. Falta-lhe ainda maior evolução nos enredos e o desafio de peças mais longas.
- 2— Ivan Carlos Regina. O mais genial autor brasileiro de FC pode ter uma literatura à frente de seu tempo, mas ainda necessita conjugar seu experimentalismo e vanguarda com o fator entretenimento. Pode se tornar um Robert Shekey brasileiro — e ainda melhor que este — se encontrar editor.
- 3— Ivanir Calado. Com o romance *A Mãe do Sonho* surge como nova estrela no cenário da fantasia e ficção científica brasileira. Um pouco mais amadurecido pode se tornar o primeiro sucesso de vendas da FC nacional e tornar-se aquele nome que Ivan Regina sempre diz faltar para nossa ficção científica: alguém bom e popular o bastante para atrair atenções gerais para o gênero — e para a brasilidade de uma FC mais nacional.
- 4— André Carneiro. Para muito alguém cujo verdadeiro estágio qualitativo de sua literatura ainda está para ser avaliado, mas ainda um autor respeitado do ano de uma FC investigativa do social e psicológico, humanista e efetiva como transporte de emoções. Seu segundo romance deve estreiar no primeiro semestre do ano, para tirar as dúvidas.
- 5— Jorge Luiz Calife. O autor mais ativo da década, dotado de prosa clara e polida. Provou com alguns contos que pode produzir obras significativas e pessoais, mais ainda não alcançou sua maturidade. Para alguns encontra-se num beco-sem-saída pessoal, preso a temas pouco instigantes e produzindo uma FC imitativa de estilos e temas de escritores estrangeiros. Mas seu potencial está aí, seja em romances ou contos, ainda esperando florescer.
- 6— Henrique Villibor Flory. O segundo mais ativo, tem uma carreira sendo estabelecida. Provou com uma parcela pequena de sua produção que pode ser instigante, intenso e moderno, mas ainda espera seu melhor momento. Seus próximos livros já têm publicação provável nos próximos anos.
- 7— Marien Catixte. Ainda esperando o reconhecimento devido por sua prosa clara e efetiva e a temática particular. Capaz de produzir uma FC genuinamente nacional, se puder deslocar sua temática para as linhas mais centrais da ficção científica. Poderá ter nova coletânea de contos publicada pela FC GRD em breve.
- 8— Rubens Teixeira Scavone. Tem publicado regularmente pelo menos um conto por ano no *O Estado de São Paulo*, e, embora sua produção não tenha chegado ao conhecimento dos fãs, o que chegou às minhas mãos mostra um autor capaz de apreender o fantástico e o inusitado em suas histórias com eficiência. Recentemente aceito na Academia Paulista de Letras, anuncia que deixará o Legislativo para dedicar-se à carreira de escritor em tempo inte-

ANDRÉ CARNEIRO fala sobre o que lhe representou a oficina "A Magia da Ficção Científica": "Uma fascinante experiência que excedeu minhas expectativas. Razões? Muitas, mas a principal foi o alto nível intelectual dos "oficinados" — não é possível chamá-los de alunos. As aulas foram um verdadeiro "brainstorm". Acredito que foi muito aproveitável para os "oficinados". Eu, como orientador, aprendi muito."

E sobre a possibilidade de haver uma nova oficina junto ao programa Oficina da Palavra, em 1991: "Eu gostaria que houvesse uma nova oficina de FC em 1991. Para isso é necessário que os interessados escrevam para o Museu (Mário de Andrade) ou para a Secretaria de Cultura solicitando a repetição. Eu, pela ética, nada posso fazer, oficialmente."

Durante a celebração dos cinco anos do CLFC, solicitamos ao emocionado ROBERTO NASCIMENTO, fundador do clube, que respondesse a algumas questões: Que evolução apresentou o CLFC nestes 5 anos?

"Amadureceu, cresceu e se firmou enquanto entidade de fato representativa dos fãs brasileiros de FC. E seu crescimento e amadurecimento se deram na direção planejada, isto é, o CLFC tornou-se um clube de amigos, uma entidade com seriedade administrativa, promotora de valores do gênero."

O que você espera para os anos seguintes?

"Um crescimento ainda maior, ampliando não somente o seu quadro social, mas principalmente sua atuação na difusão do gênero, na descoberta de novos talentos e no apoio de novos grupos que, espero, venham surgir."

Você diria que, hoje, o fandom brasileiro é dependente do CLFC?

Não; interdependentes sim, e espero que continuem (CLFC e fandom) assim. Não tem sentido falarmos em fandom sem uma entidade forte; não pode existir um fandom forte, ativo, dinâmico. O CLFC é, antes de tudo, um catalizador da criatividade e atuação do fandom."



Igualmente entrevistamos a LUIZ MARCOS DA FONSECA, atual presidente do clube: O que a sua gestão trouxe ao CLFC?

"Preferiria falar da nossa gestão junto ao CLFC. Acredito que a atual Diretoria conseguiu basicamente sedimentar a consolidação do CLFC como uma entidade de proa no fandom nacional. Isso se deve a algumas conquistas significativas, como por exemplo:

a) A expansão considerável do corpo de associados, quase dobrado em número de quando assumimos até o presente momento.

b) O aumento da abertura de espaços importantes nos meios de divulgação, já conquistados pela Diretoria anterior, agora junto a revistas especializadas como a *IAM*, a *Revista HQ* e mesmo internacionalmente, como na *OMNIA* de Portugal e no semanário *Região de Rio Maior*, na coluna de BD "Mostra", do mesmo país.

c) Fortalecimento e reestruturação do nosso fanzine *Somnium*, com o seu novo formato, quase uma revista pelos padrões nacionais.

d) Ação moderadora, se é que poderíamos falar nesses termos, sobre algumas rugas internas estimuladas por mesquinhas fúteis e ultrapassadas que graças a Deus estamos deixando para trás.

e) Lançamento de um Boletim Informativo que reputo de importância vital para o futuro do CLFC: ele será o nosso único elo de ligação com os sócios desgarrados que pretendemos fazer voltar ao nosso convívio."

O que mais espera realizar até o fim desta gestão?

"Acredito que a manutenção e aprimoramento dos itens acima citados, e, ainda, a realização da V Mostra anual de FC em meados de 1991, bem como o gerenciamento do Prêmio Nova numa versão mais ampla, na mesma época, nos deixaria em boas condições para passarmos o bastão para a próxima diretoria no segundo semestre de 1991."

Você procurará efetivar uma ligação do clube com a Perfil?

"A efetivação da ligação do CLFC à Perfil se prende evidentemente a uma disponibilidade financeira considerável e infelizmente não conseguimos, até o momento, vislumbrar um mecanismo efetivo, a curto prazo, para sua viabilização. Mas sem dúvida é um dos nossos sonhos; resta tentarmos somar esforços para torná-lo realidade."

O que será do *Somnium* após sua gestão?

"O *Somnium* continuará, sem dúvida: ele é a menina dos olhos de todos nós. Nosso editor, CARLOS ANDRÉ MORES inclusive se comprometeu a continuar cedendo o seu equipamento para a confecção do *Somnium* por alguns anos, assim, acredito que pelo menos quanto à apresentação gráfica a sua elogiada linha permanecerá. Estamos preparando uma edição comemorativa de 5 anos do CLFC e o sonho de todos nós será vermos um dia, uma edição também comemorativa, em capa dura, com letras douradas estampando na lombada o incrível N° 100!"

gral e já dispõe de trabalhos em andamento, bem como propostas de publicação. A grande dúvida é se sua prosa carregada de adjetivos e citações modernizou-se ao longo dos anos e é capaz de ombrear-se também a nível temático, a uma FC nacional que caminha para a modernidade. De qualquer modo, espere um novo retorno do antigo pioneiro dos anos 1950 e 60.

9— José dos Santos Fernandes. Autor com todas as possibilidades de produzir uma ficção científica mais clássica, de qualidade e ainda digerível. Precisa desvincular-se dos artifícios anedóticos em sua ficção curta e procurar desenvolvimentos mais profundos. Também usar e dosar melhor sua intenção de ser lírico, além de forçar sua narrativa a mergulhar mais nas histórias.

10— Simone Sauëressig. Fa natista pouco conhecida, embora com livros publicados na esfera dos infanto-juvenis. Preocupada com o uso de temas folclóricos. Alguns de seus contos surgidos no **Boletim Antares** revelam temática e abordagem diferentes do usual entre os brasileiros. Aguarda o desafio de produzir sua fantasia para o público adulto ou aprofundar mais o conteúdo e tratamento de suas histórias para jovens.

Alguns autores-fãs que podem profissionalizar-se a qualquer momento, e que mesmo agora merecem sua atenção: Roberto Schima, Leonardo Nahoun Farias, Gerson Lodi-Ribeiro, Sylvio Gonçalves, Norton Coll, Carlos André Mores. Guarde também este nome: Finízia Fideli. Trata-se de uma autora com um profissionalmente publicado em 1983, e que poderá retornar à cena a qualquer momento, como surpresa.

INTERNACIONAL

Resultados do **Bram Stoker Award** para o melhor da literatura de Horror, conferido pela Horror Writer of America: 1990

ROMANCE: **Carrión Comfort**, Dan Simmons. (Simmons é também o vencedor do Hugo 1990)

ROMANCE DE ESTREIA: **Sunglasses After Dark**, Nancy Collins.

NOVELA/NOVELETA: "On the Far Side of the Cadillac Desert With Dead Folks", Joe R. Lansdale.

CONTO: "Eat Me", Robert R. McCammon (McCammon é o criador e presidente da HWA e muito conceituado no campo do horror)

COLEÇÃO (de histórias): **Richard Matheson: Collected Stories**, Richard Matheson (o autor é muito ativo como roteirista de cinema e TV).

NAO-FICÇÃO: **Harlan Ellison's Watching**, Harlan Ellison (da coluna homônima em **FandSF**) e Horror: **The 100 Best Books**, Stephen Jones e Kim Newman, eds.

Resultados do Readercon Small Press Awards 1990:

Trabalho Curto: **A Dozen Tough Jobs**, Howard Waldrop (olho neste cara quando aparecer na nossa IAM) — Coleção: **Richard Matheson: Collected Stories** — Antologia: **What Did Miss Darlington See?** — **An Anthology of Feminist Supernatural Fiction**, Jessica A. Salmonson, ed. — Não-Ficção: **The Dark Haired Girl**, Philip K. Dick — Reimpresão: **The Anubis Gates**, Tim Powers — Ilustração de capa: **The Anubis Gates**, J.K. Potter — Ilustração de Interior: **S. Peterson's Field Guide to Creatures of the Dreamland**, Mark Ferrar e Tom Sullivan, ilustradores — Valor em Confeção de Livros: **Richard Matheson: Collected Stories** — Revista de Ficção: **Interzone**, David Pringle, ed. — Revista de Crítica: **Eye**, Stephen P. Brown, e Daniel J. Stefan, eds. — Design de Revista: **SE Eye**.

O prêmio é dedicado às publicações pequenas ou por editoras pequenas.

Indicados para o Mythopoeic Fantasy Award 1990: **Prentice Alvin**, Orson Scott Card; **The Stress of Her Regard**, Tim Powers; **The City, Not Long After**, Pat Murphy; **The Changeling Sea**, Patricia McKillip; **Fool on the Hill**, Matt Ruff.

Geoff Ryman vencedor do John W. Campbell Award para melhor romance de FC em 1989, com **The Child Garden**. O segundo lugar foi para **Farewell Horizontal**, K.W. Jeter, e o terceiro para **Good News From Outer Space**, John Kessel.

Em paralelo, Michael Swanwick ganhou o Theodore Sturgeon Memorial Award, para melhor conto, com "The Edge of the World". Segundo, "A Mulher de Prata e o Quarentão", Megan Lindholm (IAM 4). Terceiro, "Dori Bangs", Bruce Sterling (IAM 2). Menções honrosas: "Dancing With the

Chairs" e "Faith", de James Patrick Kelly (o segundo visto na IAM 1). O Campbell é escolhido por um júri internacional de escritores e acadêmicos. O Sturgeon por um comitê encabeçado por Orson Scott Card. Ambos são apresentados por Frederik Pohl e Card estiveram no Brasil recentemente.

—J.G. Ballard recebeu em junho o Raymond Chandler Memorial Award, que é dado para o conjunto da obra de um autor significativo para a escrita imaginativa, não restrito ao gênero policial. O romance **Crash**, de Ballard será filmado por nada menos que David Cronenberg.

—Peter Nichols e John Clute preparam nova edição da conceituada **The Science Fiction Encyclopedia**, esperando corrigir muitas falhas contidas na edição anterior, além de acrescentar novos dados. Para tanto pedem ajuda dos leitores e fornecem o endereço para contato: John Clute, 221 Camden High Street, London NW1 7BU, Inglaterra. Que tal enviarmos a ele relatório sobre a FC brasileira?

—A edição de outubro da **Locus** (N: 356) trouxe novo artigo de minha autoria sobre a FC no Brasil, focado principalmente na IV Mostra de FC e no surgimento da IAM e Coleção Zenith.

—**Hardware** é um novo filme de FC passado num mundo pós-apocalíptico, com Dylan McDermott e Stacey Travis, com direção do novato Richard Stanley.

—Pintará em breve por aí, **Highlander 2020**, **The Quickening**, com Sean Connery (que ganhou 3 milhões de dólares por dez dias de trabalho), Christopher Lambert, Virginia Madsen e Michael Ironside (o coadjuvante que mais faz filmes de FC no mundo.). Boa parte do filme foi rodado na Argentina, com um enredo ecológico apresentando a ressurreição de Connery para combater um conglomerado que detém o segredo de como salvar o planeta da chuva ácida.

—O romance **Immortality Incorporated**, de Schekley, vai virar o filme **Freejack** sobre esquartejadores traficantes de órgãos.

—O próximo livro de Dick a ser filmado será **The Three Stigmata of Palmer Eldritch**.

—Schwarzenegger estará em **O Exterminador do Futuro II**, ao lado de Billy Idol, o astro de rock, e novamente dirigido por Cameron, que também escreverá o script. Certa de sucesso, ainda mais com Linda Hamilton também fazendo parte do elenco. E Michael Biehn, o preferido de Cameron?

—**Graveyard Shift**, foi filmado a partir do conto homônimo de Stephen King, por Ralph S. Singleton, com David Andrews, Kelly Wolf, Stephen Match e Bradford Dourif.



—Morreu em 27 de julho, aos 65 anos, Ed Emshwiller, um dos melhores ilustradores de FC em atividade nos anos 50 e 60, quando assinava Ed Emsh (veja exemplo de seu trabalho acima). Prolífero, do mino a ilustração de FC em revistas e livros por mais de uma década, ao lado de Frank Kelly Freas e Richard Powers. Foi vencedor do Hugo em 1953, 1960, 1961, 1962 e 1964. Também atuou como artista de galeria, com ênfase no expressionismo abstrato. Foi cineasta experimental e diretor de vídeo. —Brian Aldiss foi alvo de uma celebração surpresa comemorando seus 65 anos, com uma festa onde participaram amigos vindos de vários continentes. Durante a festa surpresa foi-lhe apresentado o volume **A Is for Brian**, contendo mensagens de seus amigos e conhecidos ao redor do mundo. Na festa também apresentou-se uma edição especial de **Interzone** sobre ele e edição limitada de sua autobiografia.



Um fanzine voltado para uma visão crítica do campo da ficção científica no Brasil, abordando FC, fantasia, horror e o fandom nacional.

O melhor criticismo que você pode encontrar em um fanzine brasileiro, com resenhas e análises preparadas por figuras representativas da FC no Brasil e no mundo.

A discussão dos caminhos da ficção científica brasileira.

PAPÊRA UIRANDÊ

fanzine de ficção científica

Em **Papêra Uirandê** N- 4, matérias assinadas por Orson Scott Card, Bráulio Tavares, Jorge Luiz Calife, Roberto de Sousa Causo e Jeremias Moranu. Resenhas dos livros **O Segredo do Abismo**, de Orson Scott Card; **A Mãe do Sonho**, de Ivanir Calado; **Cosmopassado**, de Pereira Lima; **O Gato que Atravessa Paredes**, de Robert A. Heinlein, e **Intrusos**, de Dean R. Koontz. Mais resenha de FC curta por Jeremias Moranu, resenha de fanzines, cobertura da I InteriorCon e do quinto aniversário do CLFC. Uma olhada na oficina literária na ficção científica brasileira, além de novos editoriais.

Em **Papêra Uirandê** N- 5, resenhas de **Do Outro Lado do Tempo**, de José dos Santos Fernandes; **Tensões Distribuídas**, editado por Henrique Villibor Flory; **Piratas de Dados**, de Bruce Sterling, entre outros. Artigo "Ilusões Sobre a FC Hard Brasileira", por Gerson Lodi-Ribeiro. Cesar R. T. Silva entrevista Simone Sauëressig. E Bráulio Tavares expõe suas opiniões sobre a busca de uma ficção científica mais brasileira.

À partir do N- 5 **Papêra Uirandê** estará veiculando artigos e resenhas que iriam sair no **Anuário Brasileiro de Ficção Científica** 1988,

Caixa Postal 220 - Sumaré-SP - CEP 13170 - Fone: (0192) 73 2534.

= PRÊMIO LOCUS 1990 - conferido pelo semi-prozine Locus, pelo voto de seus leitores.

- Melhor Romance de FC: Hyperion, Dan Simmons (Doubleday Foundation)
- Melhor Romance de Fantasia: Prentice Alvin, Orson Scott Card (Tor)
- Melhor Romance de Horror: Carrion Comfort, Dan Simmons (Dark Harvest)
- Melhor Romance de Estréia: Orbital Decay, Allen M. Steele (Ace)
- Melhor Novela: The Father of Stones, Lucius Shepard (WSFA, IASFM 9/89)
- Melhor Neveleta: Dogwalker, Orson Scott Card (IASFM 11/89, IAM nº 5)
- Melhor Conte: Lost Boys, Orson Scott Card (F&SF 10/89)
- Melhor Não-Ficção: Grumbles From the Grave, Robert A. Heinlein (Del Rey)
- Melhor Coletânea: Patterns, Pat Cadigan (Ursus)
- Melhor Antologia: The Year's Best SF: Sixth Annual Collection, Gardner Dozois, ed. (St. Martin's); Melhor Revista: Isaac Asimov's Science Fiction; Melhor Editor: Gardner Dozois; Melhor Ilustrador: Michael Whelan; Melhor Editora: Tor/St. Martin's.

= PRÊMIO HUGO 1990 - conferido pela comunidade de fãs, e entregue na ConFiction, 48ª World Science Fiction Convention, em The Hague, Holanda, de 23 a 27 de agosto de 90.

- Melhor Romance: 1º Hiperion, Dan Simmons; 2º A Fire in the Sun, George Alec Effinger (Doubleday Foundation); 3º Prentice Alvin, Orson Scott Card; 4º The Boat of a Million Years, Paul Anderson (Tor); 5º Grass, Sheri S. Tepper (Doubleday Foundation).
- Melhor Novela: 1º The Mountains of Mourning, Lois M. Bujold (Analog 5/90, Borders of Infinity); 2º The Father of Stones, Lucius Shepard; 3º A Touch of Lavender, Megan Lindholm (IASFM 11/89); 4º Time-Out, Connie Willis (IASFM 7/89); 5º Tiny Tange, Judith Moffett (IASFM 2/89, IAM nº 7).
- Melhor Neveleta: 1º Enter a Soldier. Later: Enter Another, Robert Silverberg (IASFM 6/89, Time Gate); 2º For I Have Touched the Sky, Mike Resnick (F&SF 12/89); 3º Everithing But Honor, G.A. Effinger (IASFM 2/89, IAM nº 6); 4º At the Rialto, Connie Willis (The Microverse, Omni 10/89); 5º The Price of Oranges, Nancy Kress (IASFM 4/89, IAM nº 3); 6º Dogwalker, Orson Scott Card.
- Melhor Conte: 1º Boobs, Suzy McKee Charnas (IASFM 6/89); 2º Lost Boys, Orson Scott Card; 3º Computer Friendly, Eileen Gunn (IASFM 6/89); 4º The Return of William Proxmire, Larry Niven (What Might Have Been? Vol. 1); 5º The Edge of World, Michael Swanwick (Full Spectrum II); 6º Deri Bangs, Bruce Sterling (IASFM 9/89, IAM nº 2).
- Melhor Não-Ficção: The World Beyond the Hill, A. & C. Panshin (Tarcher).
- Melhor Apresentação Dramática: Indiana Jones and the Last Crusade.
- Melhor Editor Profissional: Gardner Dozois.
- Melhor Artista Profissional: Don Maitz.
- Melhor Trabalho de Arte Original: Rimrunners, Don Maitz.
- Melhor Semi-Prozine: Locus, Charles N. Brown, ed.
- Melhor Fanzine: The Mad 3 Party, Leslie Turek, ed.
- Melhor Escritor-Fã: Dave Langford.
- Melhor Artista-Fã: Stu Shiffman.

• JOHN W. CAMPBELL AWARD: Kristine Kathryn Rush

Analisando os dois prêmios, podemos destacar: Dan Simmons, uma nova estrela; Orson Scott Card, o maior número de trabalhos finalistas; Gardner Dozois e sua revista IASFM, os melhores disparados; o semi-prozine Locus, vencendo o Hugo pela décima quinta vez em vinte e três anos de existência; o retorno vigoroso de Paul Anderson; a incrível regularidade de Robert Silverberg, finalista quase todos os anos e um dos maiores vencedores do Hugo até hoje; Lois McMaster Bujold, vencendo novamente, talvez a melhor escritora da atual FC americana; as revelações Kristine Kathryn Rush e Allen M. Steele, elho neles; e por fim a Isaac Asimov Magazine publicando em 7 edições 5 trabalhos finalistas nos dois prêmios.

FIÇÃO

ANTICHRISTMAS

por JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES

O autor lança, neste final de ano, sua primeira coletânea como profissional, pela FC GRD nº 5. Com o título De Outro Lado do Tempo. Traz 17 contos escritos entre 1978 e 1988. Neste conto, acompanhe um pouco do talento do autor, um dos mais promissores da atual fase da FC Brasileira.

Miguel respirou fundo e ar frio da biblioteca, extremamente bem vindo depois de sol e dos 38º C das ruas e ngarrafadas de Rio de Janeiro. Tirou um lenço do bolso e limpou o suor que escorria dos cabelos e de resto, tentando ao mesmo tempo descolar a camisa empapada que se grudara em suas costas. Procurou um pouco e não demorou a encontrar Olave que lia um daqueles "tijelos" com capa de couro escuro que a gente sempre encontra nas velhas bibliotecas, mas apenas felheia por pura curiosidade.

Atravessou o salão e aproximou-se de outro, em silêncio.

- E então, Olave, é verdade mesmo? - perguntou, em sussurro.

O outro levantou os olhos azuis do livro que lia, alisou os cabelos louros com seus dedos finos e encarou Miguel.

- É verdade, o que?

- Como, o que? É verdade que o Sr. Fields veio para as Comemorações e está hospedado em sua casa? - Miguel perguntou, puxando uma cadeira e sentando-se ao lado de Olave.

- Ah, é verdade sim. Ele chegou ontem e deve ficar uns quatro dias lá em casa. Você não sabia que ele era amigo de meu pai?

- Cara, que barato! E você já conversou com ele? Já perguntou alguma coisa? Ele já te contou como foi que aconteceu?

Olave sorriu.

- Calma, rapaz. O velho chegou muito cansado da viagem e eu não tive coragem de perturbá-lo. Afinal de contas, você sabe muito bem quem ele é, não sabe?

Miguel fez uma careta para o amigo e ceçou o bigode ralo que cultivava sem muito sucesso.

- Claro que eu sei quem ele é, sua besta. Mas eu pensei que, ele sendo amigo de seu pai e estando hospedado em sua casa, você não teria problemas em conseguir que ele nos contasse a história. Será que você não tem curiosidade de ouvir o relato da boca de um dos poucos homens vivos que testemunharam todos os fatos?

Olave encarou o amigo calmamente e respondeu, contando nos dedos:

- Em primeiro lugar, Miguel, besta é o raio que te parta. Em segundo lugar, é claro que eu tenho curiosidade de saber das coisas pela boca de Sr. Fields. E em terceiro lugar, o que você quer dizer com "nos contar a história"? Quem disse que eu vou deixar você ir até a minha casa terror e saca do velho?

Miguel sentiu o resto ficar vermelho e teve que se controlar muito para não se esquecer de que estava em uma biblioteca e começar a gritar com Olave.

- Cara, isso é uma tremenda sacanagem de sua parte. - falou per entre os dentes - Você bem que podia me convidar para ir à sua casa conversar com o velho. Afinal de contas eu já te quebrei um bocado de galhos desde que nós nos conhecemos, não é mesmo?

Olave começou a rir e teve que tampar a boca com uma das mãos pois ergueram-se vários olhares de censura das mesas vizinhas.

- Puxa, você ficou bravo mesmo, hem? Chegou até a ficar roxo. Eu daria tudo para ter fotografado a tua cara. Fica frio, Miguel, que eu já arranjei tudo. Você pode aparecer lá em casa hoje, por volta das sete da noite, e nós batemos

um pape com o Sr. Fields. E então, o que você acha?

Miguel relaxou e sorriu para o amigo.

- Olhe, cara, eu acho genial. Agora, você deve tomar mais cuidado com estas suas brincadeiras. Você não sabe como esteve perto de tomar um murro no meio dessa sua cara.

Miguel levantou-se e botou a cadeira de volta à sua mesa original. Açou para Olave e confirmou:

- Estarei lá às sete horas em ponto. Pode me esperar. Tchau.

Olave acenou de volta e tornou a abrir o livro, retomando sua leitura. Miguel dirigiu-se para a saída da biblioteca e para o abraço sufocante de verão carioca.

Conce minutos antes das sete, Miguel subiu os degraus da varanda da casa de Olave e tocou a campainha. A casa ficava num condomínio fechado em um bairro nobre do Rio de Janeiro e não houve qualquer problema com as guardas da guarita; Miguel era um assíduo frequentador da residência do amigo.

O próprio Olave veio abrir a porta.

- Ora, até que você é bem pontual, quando o assunto lhe interessa, não é mesmo?

Miguel decidiu ignorar as habituais provocações de amigo e entrou no salão, esticando o pescoço para ter os lados.

- E então, cadê o velho?

- Ele está no pátio da piscina. Nós podemos aproveitar, que o meu pai teve que sair para resolver umas pendências das comemorações, para conversar um pouco com ele. Mas antes eu queria falar umas coisas com você.

- Umás coisas...? Que coisas? - perguntou Miguel, franzindo a testa.

- Sé umas coisinhas. Por exemplo, você não vai dar a mancada de chamar o Sr. Fields de "o velho", vai?

Miguel soltou um muxexe.

- Pô, cara, você acha que eu sou tão idiota assim? Eu posso ser meio desligado, mas babaca é coisa que eu não sou.

- Essa é outra das coisinhas. - continuou Olave - Vê se você se controla um pouco e palavreade na presença dele e não deixa escapar tanta gíria e palavrão, certo? O que você acha que ele iria pensar da gente?

E, principalmente, nem pense em começar as suas ridículas discussões sobre suas discordâncias dos Dogmas e Denominações dentro do Círculo.

Miguel arregaleu os olhos.

- Nessa! Quantos cuidados e quanta carência. Você tem certeza de que está no Círculo certo, Olave?

- Olhe aqui... - gritou Olave, mas logo se controlou e tornou a baixar a voz. - Tudo bem. Se você quiser falar as suas asneiras de sempre, por mim está bem. Mas, por favor, procure não tocar no assunto das Denominações. Afinal, o homem é americano e pode ficar melindrado com alguma coisa, certo?

Miguel encolheu os ombros e assentiu. Era melhor não ficar discutindo muito com Olave. Sempre havia o risco de rapaz desistir da conversa particular com Fields, e isso era uma coisa em que ele não podia nem pensar.

- Vamos até o pátio então? --- propôs Miguel.

- Vamos. Mas, veja lá, Miguel. Não se esqueça de que eu te pedi.

- Está bem. Mas, vamos logo senão o teu pai volta e ainda nos encontra nesse pape furado aqui na sala.

Os dois atravessaram o salão e um corredor que levava aos fundos da residência. No fim do corredor chegaram a uma sala de jogos, de portas envidraçadas, que se abria para o pátio. Olave empurrou as portas corrediças e eles saíram para o pátio ainda iluminado pelos últimos raios de sol da tarde. De outro lado da piscina, um homem alto, magro, aparentando ter cerca de 50 anos levantou os olhos de jornal que lia e observou os rapazes.

- É ele. - sussurrou Olave.

- Eu sei. - falou Miguel, também sussurrando.

Olave acenou para Fields e controlou a piscina, acompanhado por Miguel.

Fields levantou-se da cadeira de madeira em que estava sentado e esperou a chegada dos dois.

- Sr. Fields, este é Miguel, um grande amigo meu e também um Postulante do Círculo. Ele queria muito conhecê-lo e conversar com o

senhor.

Miguel iniciou a saudação dos Postulantes, mas Fields cortou-o com um gesto e estendeu-lhe a mão. Miguel a pertendeu, momentaneamente esquecido de como começar uma conversa em inglês, mas finalmente conseguiu falar, aos trances e barrances:

- How...how are you, Mr. Fields? I ... I'm glad to meet you.

O homem sorriu e falou, sem soltar a mão de Miguel:

- Também é um prazer para mim conhecê-lo, rapaz, e não precisa falar em Inglês comigo. Pode falar em seu idioma mesmo. Vamos nos sentar?

Miguel olhou para Olave e teve vontade de estrangulá-lo por não ter avisado que o velho falava Português de uma maneira tão correta e sem setaques mas oportunidades não faltariam. Puxaram cadeiras para perto da de Fields e sentaram-se em torno da mesa onde ele estava.

- Eu não sabia que o senhor falava Português tão bem, Sr. Fields. - disse Miguel.

- Isso é uma coisa que os Postulantes aprendem com o tempo, Miguel. Não se apresse. Você conhece aquele ditado que diz: "Quando em Roma, faça como os romanos"? Pois bem, nós, do Círculo, quando em Roma fazemos e falamos como os romanos, quando no Rio de Janeiro, fazemos e falamos como os cariocas. É uma de nessas inúmeras vantagens com relação aos seres humanos.

Olave olhou espantado para o velho e perguntou:

- Sr. Fields, o senhor acha que nós já podemos saber estes detalhes acerca do Círculo? Afinal, nós somos apenas Postulantes.

Fields sorriu, mostrando dentes perfeitos e brilhantes.

- Claro que podem, Olave. Embora se us mestres teimem em manter várias coisas secretas, tudo isso é besteira. Todos nós, incluindo vocês dois, sabemos que o período de Postulação é apenas uma denominação formal para o seu tempo de aprendizado nas artes e mistérios do Círculo. Postulante é apenas um título simbólico e nada mais. Desde o momento em que alguém é iniciado na Postulação e toma conhecimento da existência do Círculo não há mais expurgos ou desistências. A única maneira de sair vocês sabem muito bem qual é, não sabem?

Os dois disseram que sim, com um gesto sincronizado das cabeças.

- Então, para que tanto segredo. Isso tudo é besteira.

Miguel decidiu pegar a deixa do velho.

- Pois é, Sr. Fields, isso é umas das coisas que...

- Ora, Miguel, não vamos cansar o Sr. Fields com essas conversas. - cortou Olave, pisando o pé do amigo por debaixo da mesa - Você não ia pedir uma coisa muito especial para ele?

- Eu?

- Claro. Não foi para isso que você veio até aqui?

Fields sorriu, divertido, e interveio no diálogo dos rapazes.

- Deixe-me tentar adivinhar o que vocês dois querem me pedir. Seria, por acaso, para que eu contasse como foi o nascimento dele?

Vendo o embaraço dos dois, ele continuou:

- Não precisam ficar envergonhados por causa disso. Esta é a primeira coisa que me pedem em todos os lugares que eu chego. Eu já estou acostumado e não me importa. O que vocês querem saber?

- Tudo! - disse Miguel - No Círculo, sempre contam essas coisas de uma maneira obscura. Eu queria saber como foi que tudo realmente aconteceu.

O velho recostou-se na cadeira e olhou para o pôr do Sol. Depois de alguns segundos, ele começou:

- O AntiChristmas original foi num dia semelhante a este. Também fazia muito calor...

Miguel inquietou-se na cadeira e Olave lançou um olhar de pavor na direção do amigo. Não adiantou Miguel cortar as palavras de Fields, para desespero de Olave, e comentou:

- Não entendo por que deram esta denominação à comemoração do nascimento dele. Está certo que ele vive nos Estados Unidos e que o seu campo de atuação maior está sendo lá, por enquanto. Mas, afinal de contas, ele nasceu ou não nasceu aqui no Rio? Por que não uma denominação mais brasileira, como Anti-Natal, por exemplo? Por que o uso de Inglês? Será possível que até

nisse nós seremos colonizados pelos americanos?

Olave afundou na cadeira e, por sua vontade, teria escorregado pelos vãos da madeira e desaparecido pelo chão adentro.

Fields elheu para Miguel e encobriu os ombros.

- Você não deixa de estar certo, Miguel. Afinal de contas, contrariamente ao que muitos pensam, Deus não é brasileiro, mas ele é. Mas existe uma razão para esta denominação.

- E qual é? - perguntou Miguel.

- É simples. Não se trata de nada cabalístico, misterioso. Simplesmente é uma denominação com um forte apelo na mídia, principalmente nos Estados Unidos. Nada mais. Isso vai ser importante, no tempo certo.

Para alívio de Olave, Miguel não contestou os argumentos de Fields e ele pôde continuar:

- Bem, voltando à história. Como vocês sabem, uma série de pessoas em todo mundo já sabia há algum tempo da vinda dele para cumprir o seu papel entre nós. Eu era uma dessas pessoas e já me dedicava desde jovem ao culto dele e de seus profetas. Assim, quando ele finalmente decidiu vir ao nosso mundo, eu fui um dos informados de onde e através de quem ele viria. Isso foi há quase 40 anos, mas eu ainda me lembro de quando cheguei no aeroporto de Galeão, num dia de verão escaldante como este. Vocês não podem imaginar o choque que eu senti quando saí de avião, que tomara 10 horas antes em New York, com uma temperatura de -5° C, e topei com os trinta e tantos graus de Rio de Janeiro. Foi esquentante.

Havia um membro do Círculo a minha espera e ele me levou diretamente para a casa dos pais dele. Era uma mansão maravilhosa no Jeó, com uma vista deslumbrante de mar.

- Um dos tios de Miguel, que também pertenceu ao Círculo, viveu muitos anos no Jeó. Ele morreu há uns dois anos, mas nós ainda vamos até a sua casa, de vez em quando. É uma vista incrível.

Fields selteu um sorriso curto.

- Uma coisa é verdade: nós geralmente vivemos pouco, mas vivemos sempre muito bem.

Os rapazes riram com o velho que pegou uma garrafa de cerveja de dentro de um balde de gele na mesa e encheu três copos. Tomou um gole de seu e prosseguiu na narrativa.

- Já havia algumas pessoas na casa: parentes, os futuros pais, alguns convidados, como eu, e a equipe médica. O pai dele havia construído uma sala cirúrgica em um anexo da casa, para que a parte fosse feita ali mesmo, e eu soube que iriam fazer uma operação cesariana às três da tarde. Isso me dava umas 4 horas livres para descansar da viagem, mas eu preferi ir até a praia com dois outros visitantes estrangeiros. Naquela época, eu ainda não precisava de tanto descanso. Hoje, com quase oitenta anos, as coisas são um pouco diferentes.

- O senhor não parece ter quase oitenta anos. - falou Miguel.

- Eu sei. - disse Fields - É uma dívida passageira, pois ainda sou muito necessário aos planos dele. Portanto, enquanto eu posso, eu vou aproveitando ao máximo.

Mas, como eu ia dizendo, fui à praia e retornamos pouco depois das duas horas da tarde. Tomei um banho e me reuní aos outros no salão da casa, onde várias garçons serviam bebidas geladas e salgadinhos. As três e vinte e cinco, um mordomo veio trazer a notícia de nascimento dele e a alegria foi geral. Ficamos por ali mesmo e a festa, o primeiro Antichristmas, começou. As comemorações duraram até a madrugada e, à noite, nós fomos levados, um por um para conhecê-lo. Desde o dia de seu nascimento ele já inspirava respeito. Apesar de ser apenas um recém-nascido, havia uma aura de força e determinação sobre ele que todos nós podíamos sentir. Foi uma coisa inesquecível. No dia seguinte eu retornei para New York e comeci os preparativos para a transferência dele para os Estados Unidos.

O velho tomou o último gole de cerveja de seu copo e encarou os rapazes.

- Bem, foi assim que aconteceu.

Os dois rapazes se entreolharam e Miguel perguntou:

- Só isso?

- Claro, que mais haveria?

- Mas o senhor tem mesmo certeza?

- perguntou Olavo.

- Mas, é claro que eu tenho. Afinal de contas, eu não estava lá?

Olavo e Miguel não pediam escender e embarço.

- Mas, Sr. Fields, nós pensávamos ...

- Eu sei. - disse o velho - É sempre a mesma coisa. Todo mundo sempre tem esta idéia de que algo de especial deveria ter acontecido naquele dia. Será que ninguém entende que algo de muito especial realmente aconteceu? Foi a chegada dele!

- Sim. - disse Miguel - Mas nós sempre imaginamos que deveria ter acontecido alguma coisa para marcar o acontecimento. Alguma coisa que os nossos mestres preferiam não revelar. Sei lá, algum tipo de sinal.

O velho começou a rir.

- Miguel, Olavo, pensem bem. Nós membros do Círculo, temos passado vários séculos nos preparando para esta oportunidade. Ela agora está aqui, e será única. Tudo tem que ser feito com muito cuidado. Não há lu-

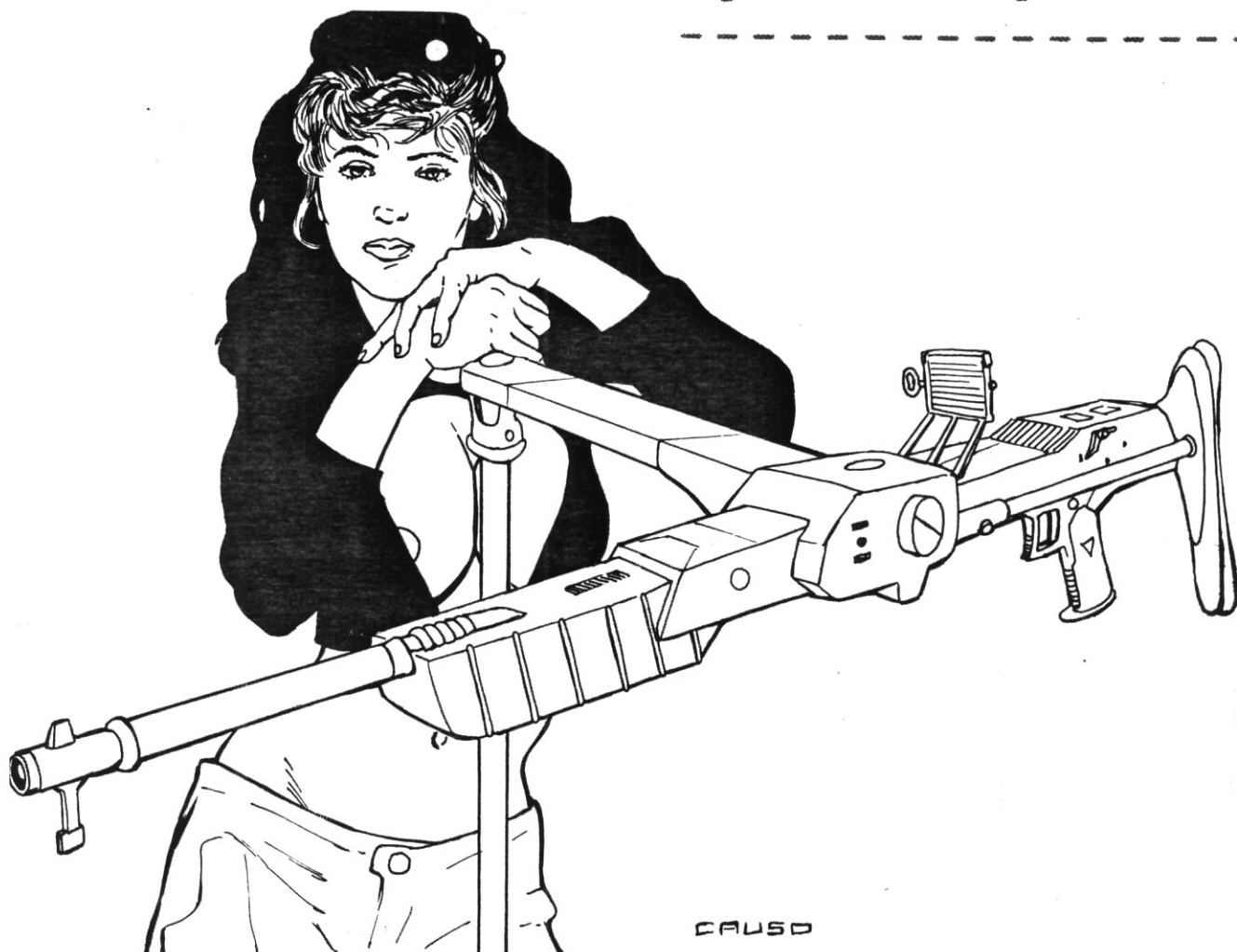
gar para erros ou precipitações. Nessas atividades estão crescendo lentamente e ele já detém uma grande fatia de poder numa das maiores nações do mundo. Mas ainda não é a hora da Humanidade tomar conhecimento claro da nossa existência. Tudo depende da nossa discreção. Nesse movimento tem que ser insidioso, silencioso, completamente subterrâneo. Isso são coisas que os seus mestres da Postulação já deveriam ter lhes ensinado.

Os rapazes ouviram o velho, em silêncio, e então Miguel falou:

- Nós já aprendemos tudo isso, Sr. Fields. Mas, mesmo assim, ainda esperava que tivesse acontecido alguma coisa para marcar o nascimento dele.

O velho tornou a rir.

- Mas, você é teimoso mesmo, hem. Eu não acabei de falar que o nosso movimento, para ser bem sucedido, necessita evitar ao máximo que ele seja notado? O segredo é fundamental para os nossos planos. Você acha que ele iria colocar esses planos em risco? Afinal, o que vocês estavam esperando que acontecesse para marcar o Antichristmas? Algum tipo de "efeito especial"?



CAUSO

Cometas

por CESAR R. T. SILVA

Djerk era um planetóide pequeno, perdido nas brumas de um universo recém-nascido. Sem uma estrela própria girava sobre si mesmo, perdido numa órbita elíptica em torno de um aglomerado de gases prateados há milhões de bilhões de quilômetros de distância.

Seu povo, os djerkianos, não respirava. Para eles isso não fazia a menor diferença, pois nasceram assim e nunca o perceberam. A rocha nua, eventualmente empedrada por partículas soltas no espaço, era sua única realidade. Seres pequenos, atarracados, comiam o que tinham: rocha e pó.

Djark era muito rico em elementos. Cada um significava um importante prato da dieta local. O próprio oxigênio, presente de forma sólida no gelado zero absoluto de qualquer escala, eventualmente em meio a outros sólidos rochosos, era um manjar muito apreciado, devido a sua escassez.

Vart, um djarkiano que, como qualquer de seus compatriotas, apreciava a beleza das estrelas eternas em seu céu negro profundo, amava acima de tudo, o refulgente bólido que passava a cada quarenta e três anos - séculos sabemos disse -, próximo a seu planeta. Poderia ser um cometa belíssimo, se houvesse uma estrela por perto, mas é claro que Vart nunca imaginou isso. Era um romântico, não um cientista. Observava e enorme brilhante espelhado refletir, em suas facetas múltiplas, a luz das estrelas.

Vart sentava-se, em sua semi-rigidez rochosa natural, e tirava dias observando o céu. Nas épocas de cometa, não despregava o olho desde que ele surgia até desaparecer na escuridão. Os anos, para qualquer djarkiano, nada significavam. Não tinham dias ou noites, nem estações ou mudanças climáticas. Vart media o tempo pelo cometa. Todos mediam seu tempo eterno pelo cometa. O cometa era Deus.

Mais tarde, Vart sonhou, em um de seus sonhos de várias rotações de Djark, em ir até o cometa, fazer contato de 3º grau com o Deus. Ao desper-

tar, cheio de confiança, deu os primeiros passos em direção à realização de seu sonho. Ao longo de centenas de passagens do Cometa-Deus, elaborou uma tecnologia possível para lançar um veículo até ele, em uma de suas passagens. Seus amigos o ajudaram pois também amavam o Cometa-Deus, e o projeto tomou corpo. Porém demorou mais que o esperado.

Certa vez, em um dos curiosos episódios da Saga de Vart, um período de ditadura militar se estabeleceu. É claro que não pedemos imaginar aqueles pesados e milenares seres, fardados a dar tiros de chumbo uns nos outros - mesmo porque o chumbo era uma apreciada iguaria. A principal arma dos militares djarkianos era justamente negar a seus comandados - conforme a escala hierárquica - as mais saborosas comidas disponíveis. Pode-se imaginar, portanto, que foi um período não de fome, pois o povo comia o próprio solo, mas de tristeza pela ausência dos sabores quitutes, reservados por força ao ditador e sua corte.

O veículo construído por Vart e seus amigos era usado em diversos tipos de minerais, alguns muito saborosos e nutritivos. Num momento de embriaguês, depois de uma festa regada a mercúrio e antimônio, os convidados de Vart, e ele próprio, acabaram deverando o motor principal do reator de cristal quartzo numa ergia ensandecida. Isso atrasou o projeto em mais duas passagens do Cometa-Deus. E não era raro, nas noites de orações e vigília das visitas do Cometa, que alguém menos religioso entrasse no campo e comesse um ou dois botões de cassiterita ou algumas chapas de minério de ferro. Aliás, tais acontecimentos eram, as vezes, fruto dos próprios construtores "esfomeados".

Aconteceu no oitavo milhar de anos após o sonho. Depois de quase duas centenas de passagens do Cometa-Deus, provavelmente irado

com a ousadia de Vart em ir até ele, ou justamente por sua displicente demora em concluir o projeto sagrado, na passagem seguinte o Cometa-Deus desviou sua trajetória divina e chocou-se violentamente com Djerk, fragmentando-se mutuamente, misturando seus movimentos inerciais e elementos químicos.

Os inertais djerkianos, arremessados por todos os lados, foram recebidos por camadas de rocha e gelo, e somente este desconhecido deles, mas principal formação do Cometa-Deus, e ficaram a vagar, aprisionados em suas órbitas infinitas sob a proteção dos fragmentos.

Vart, que ficara adormecido por vários milênios após o choque, despertou em algum lugar onde se via luz. Não luz fria e prateada das estrelas mas uma luz cegante, repleta de raios infra-vermelhos, ondas de rádio, microondas, matizes deslumbrantes de cores em várias vibrações. Estava só paralizado e congelado sob uma carapaça de rocha comestível e um cristal quebradiço e brilhante, que identificou ser Deus. Ele estava em Deus. Congregava-se com ele. E não precisara nem mesmo ir até Ele. Ele veio buscá-lo.

Olheu, com sua percepção espiritual, a vibrante luz solar que banhava-o de alegria. Aquele devia ser o Pai de Deus. Deus-lhe um nome. Para nós, pode ser Sol.

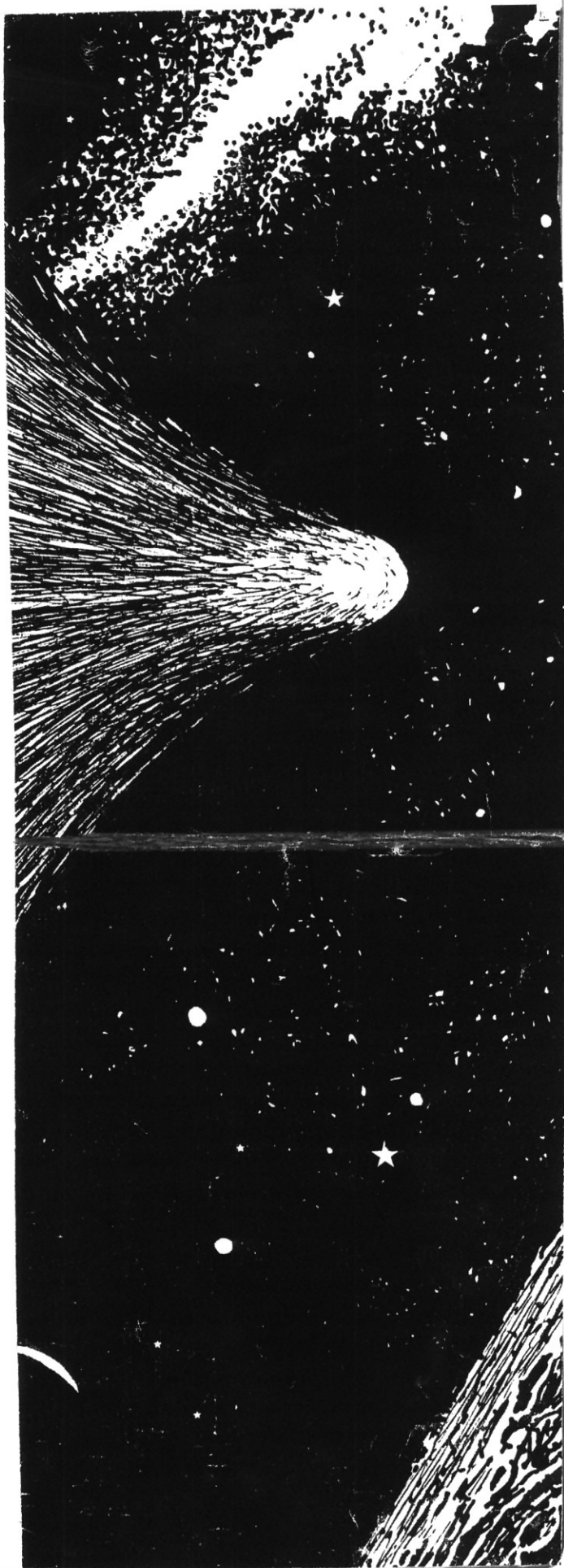
Sentiu que a força do Sol sagrado desgastava-lhe parte da proteção de Deus, mas maravilhou-se ao conferir o mastro de gás luminoso como uma super-constelação de minúsculos Cometas-Deus que se projetava em direção oposta à dos raios solares.

Ficou em êxtase por semanas, até perceber que estava distanciando-se do Sol, e que sua cauda resplandecente diminuía à sua frente, até sumir. E verificou que a proteção Divina renovava-se, num ato puro de milagre cósmico.

Ao longo de sua interminável vida, encontrou outros Djerkianos-cometas e alegrou-se, e voltou milhares, milhões de vezes à estupenda maravilha solar.

Viu constelações novas, distantes pulsares e curiosas formações luminosas de galáxias e proto-galáxias.

Certa vez viu um planeta. Não que nunca tivesse visto, havia várias próximas ao Sol. Mas viu aquele, tão perto do Sol. Sempre e avolte em seu manto sagrado de luz e calor, tão belo, tão azul. Senheu em ser o planeta. Acariciou-o com seu véu de vapor e pó, saudou-o e amou-o. E continuamente até o final dos tempos.



O Vôo do Ranferrinco

per GERSON LODI-RIBEIRO

Registro de Borde nº 503 de Ranferrinco:

"Faltam apenas quinze dias para que atinjamos a órbita terrestre. A primeira missão tripulada ao quarto planeta foi coroada de êxito. Confirmamos a maioria das informações recolhidas anteriormente por nossas sondas automatizadas. Trata-se, como todos sabem, de um mundo pequeno, de atmosfera respirável, cuja pressão máxima atinge cerca de um terço da pressão atmosférica terrestre ao nível do mar. Não houve necessidade de trajes espaciais. Apenas agasalhos aquecidos eletricamente e máscaras extraterrestres de exigêncio. Há vida no planeta vermelho, conforme o líder da missão anunciou no dia em que pensamos numa planície daquele mundo árido. A ciência terrestre já suspeitava disso há centenas de anos - embora a principal indicação fosse a variação sazonal de coloração, então erroneamente atribuída à presença de vegetação.

"A vida no quarto planeta jamais foi um fenômeno tão comum quanto na Terra. Mesmo as informações obtidas por sondas que sobrevoaram a superfície daquele mundo a poucas centenas de quilômetros de distância não haviam sido conclusivas. Nessa expedição esclareceu esta questão. Existem no planeta vermelho vegetais - creio que poderemos chamá-los assim, desde que o nosso biólogo não coloque os olhos neste registro - sob a forma de 'florestras' de arbustos escaletes de porte robusto e 'bosques' de cogumelos castanhes diminutos. Não encontramos animais de grande porte. Nos poucos rios que ainda não secaram havia criaturas invertebradas semelhantes a meluscos. Em termos de fauna terrícola, acabamos nos contentando com as lesmas gigantes e os artrópodos de carapaça vermelha dotados de seis pares de pernas que batizei de 'escaravelhos'. Passamos mais de três meses naquele mundo, percorremos milhares de quilômetros de sua superfície e só conseguimos catalogar cerca de quatro dezenas de espécies animais e pouco mais de uma ce-

ntena de espécies vegetais. Embora e solo daquele mundo abunde em bactérias e outros microorganismos, nesse biólogo manifestou opinião que a vida multicelular não parece ter sido bem sucedida lá.

"Contudo, prevamos que a vida é um fenômeno que não está exclusivamente restrito à Terra. Os futuros colonos terrestres que se radicarem no quarto planeta levarão, entretanto, várias gerações para restabelecer os ecossistemas enfraquecidos e tornar mais densa a atmosfera daquele mundo.

"Isto é, entretanto, preocupação para nossos líderes políticos e científicos. Atualmente, nessa única grande preocupação é a ausência de comunicação com o satélite de Controle da Missão. A perda de contato se deu a dezesseis semanas. Tentamos restabelecê-lo por feixe de laser com a Base Lunar. Não houve resposta. É como se estivéssemos trabalhando com o sistema de codificação errado: só recebemos ruído. Verificações completas em nossos sistemas, equipamentos e protocolos de comunicações indicam que não se trata de um defeito no Ranferrinco. Existe algo errado lá fora impedindo o estabelecimento de comunicação com a Terra.

"Bem, logo saberemos de que se trata."

Ranferrinco, 10000000 Km da Terra, Ano 95 da Unificação.

Philip Alvarez teve seu sono interrompido por volta das duas da manhã, tempo universal padrão. Aos cento e trinta e sete anos censerava-se lúcido e forte e suficiente para merecer a confiança dos dez milhões de eleitores que o haviam escolhido para a função de líder de governo das Colônias Lunares. Luna era um mundo tranquilo. Um planeta pequeno, inteiramente explorado, com baixa densidade populacional e alta tecnologia. Um Estado sem pobreza ou desníveis sociais, habitado por homens e mulhe-

res cultos e inteligentes - o melhor da humanidade.

Em Luna não havia problemas graves e bastante para que acordassem abruptamente o líder de governo no meio da noite. Alvarez, mesmo ainda não inteiramente desperto, não esquecia o fato. "Problemas com a Terra, outra vez." Parafraseando um antigo líder de uma região da América chamada "México", de onde haviam emigrado seus antepassados há meio milênio, sorriu interiormente. "Pobre Luna! Tão longe de Espírito Universal e tão perto da Terra."

Alvarez rumou para o aposento de comunicações de sua residência oficial. O computador dona-de-casa que o acordara deu-lhe uma prévia da situação. Tratava-se de um comunicado urgente de Honolulu, Havai, sede da Federação Humana. Comunicação pessoal (isto é, não oficial) de Douglas Catilli, Secretário de Ciência e Tecnologia da Terra, seu amigo de mais de um século. "Que horas devem ser agora em Honolulu? Provavelmente não são horas de dormir por lá." "Quinze horas e quatorze minutos.", informou a dona-de-casa se lícita, respondendo à questão retórica.

O tanque holográfico de ativou assim que Alvarez afundou na poltrona tonificante. As feições sólidas de um homem de meia idade, pouco mais velho que o líder selenita, surgiram diante deste.

"Bom dia, Phil. Desculpe acordá-lo no meio da noite."

"Boa tarde, Doug. Acredito que não agiria dessa forma sem motivo. O que houve?"

"Alienígenas foram detetados rumando para a Terra. Tentam se comunicar conosco, mas ainda não conseguimos decifrar suas transmissões. Emitem aparentemente imagens bidimensionais; contudo, ainda não nos foi possível decodificá-las."

"Em que ponto do Sistema Solar foram detetados?"

"Entre as órbitas de Marte e da Terra. Sei perfeitamente o que está pensando. Muito próximo, se considerarmos os verdadeiros enxames de satélites de detecção e telescópios espaciais que a minha secretaria tem lançado neste século. É inexplicável. Como se tivessem surgido de nada, materializando-se ali oriundos de outro ponto qualquer."

"Dominarão alguma tecnologia de tra

nsporte que ainda desconhecemos?"

"O teleporte foi aventado a nível de hipótese. Os fabulosos saltos hiperespaciais da ficção científica também. Mas tais avanços técnicos contradizem o pouco que conhecemos da tecnologia deles. Seu sistema de telecomunicações é primitivo, para usarmos um eufemismo polido."

"E como é a nave em si?"

"Não se parece com nada que conheceríamos como uma espaçonave interestelar. Velocidade baixa, menos de 20 Km/s. Propulsão iônica, provavelmente."

"Não utilizamos isso desde o final do século XXII. Mesmo como sistema de propulsão auxiliar seja um tanto ou quanto rudimentar."

"Já fizeram os cálculos de regressão de trajetória para saber de onde a nave deve ter vindo?"

"Afirmativo. Os resultados, porém, não foram conclusivos. Nossos computadores indicam que eles vieram das proximidades de Marte. Mas isto é obviamente impossível. Nesses colegas de Marte afirmam nada terem detetado. Na velocidade de atualmente mantida teriam levado mais de um ano para alcançar a Terra, partindo de Marte."

"Obrigado por me colocar a par do problema. Quando será divulgado para o grande público terrestre e solar?"

"Dentro de algumas horas. O secretário-Geral pretende solicitar auxílio à comunidade científica selenita."

"Engraçado. Jamais imaginei que receberíamos uma visita de alienígenas dotados de tecnologia primitiva. Há quantos milênios devem ter partido de seu sistema natal?"

"Acredito que em poucos dias poderemos responder esta pergunta."

Registro de Bordo nº 514 do Rafterrinco:

"Perdemos-nos, de algum modo. Aquela não é a Terra. Ao menos não a Terra que conhecemos. Há cerca de dez dias descobrimos que ela não estava exatamente no local de vido. Isto pareceu significar que alguém errara em seus cálculos. Nesses computadores de bordo verificaram várias vezes a correção

des mesmos, tornando implausível a hipótese de falha. Então o astrofísico de nossa expedição tomou coragem de anunciar uma suspeita que o vinha atormentando - as estrelas não estavam mais onde deveriam estar. Algumas estrelas mais brilhantes de nossos céus, haviam simplesmente desaparecido. Das constelações conhecidas nenhum sinal. Ele afirmou que estava nos num futuro remoto.

"Entramos num estado bem próximo de pânico. O chefe da expedição declarou que o astrofísico estava desequilibrado e mandou que o confinasse em seu camarote. Acreditamos durante algum tempo que o Ranferrinco havia atravessado

inadvertidamente alguma fenda dimensional; fenômeno desconhecido pela ciência terrestre. Havíamos sido transportado para outro sistema estelar por um atalho espaçotemporal tortuoso? Contudo, aquela estrela amarelada parecia muito com nosso bom e velho Sol. E os planetas detetados, nesses velhos conhecidos, estavam quase exatamente nos locais previstos. Sentíamos uma necessidade compreensível de examinar aquela estrela azulada no telescópio. Com júbilo e alívio identificamos nela a Terra. Mas não víamos detalhes, então.

"Rumamos para ela, tentando restabelecer contato via rádio. Nenhuma resposta. Observamos que a Lua estava mais afastada da Terra do que costumara estar, dois anos atrás. Voltamos nessa atenção para o nosso mundo. Horas depois, por entre as nuvens, percebemos que aquilo era pior do que havíamos imaginado.

"A composição química da atmosfera era algo diferente. Havia menos oxigênio agora. Certas regiões do solo terrestre emitiam radiação ionizante; também havia partículas radioativas na alta atmosfera. Mas aquilo não fora nem de longe o mais espantoso. Em órbita terrestre pupulavam satélites artificiais. Dezenas de milhares de objetos, alguns do tamanho

de asteróides - cilíndricos, esféricos ou assumindo outras formas. Estaríamos sendo invadidos por uma espécie alienígena de tecnologia superior?

"Mas, não. Aquela simplesmente não era a Terra da qual havíamos saído. O geólogo da expedição, com preensivelmente, foi o primeiro a notar que havia algo errado com a disposição dos continentes. Solicitou ao computador acoplado ao telescópio infravermelho que elaborasse um mapa da superfície terrestre por sensorialmente remoto. Quando examinei o resultado não consegui reconhecer nenhum continente. O geólogo nos mostrou



e que ocorrera. Os continentes eram essencialmente os mesmos - algumas ilhas a menos, uma península a mais ali, um golfo entre dois continentes acolá. A disposição desses continentes, entretanto, mudara bastante. Estavam mais distribuídos através dos oceanos. Como se houvesse mais água entre eles.

"Surpreendendo a todos, o geólogo afirmou que pelos mais recentes dados geofísicos conhecidos aquela seria a confirmação que a Terra assumiria dentro de sessenta e cinco milhões de anos. 'Deriva continental', foi a expressão que ele usou.

"Então começamos a captar feixes laser pulsados portando mensagens ininteligíveis."

Ranferrinco, 600000 Km da Terra
Ano 95 da Unificação.

"Sr. Líder de Governo, já se sabe há cerca de quatro séculos e meio que a humanidade não foi a primeira espécie racional a se erguer da superfície terrestre para tentar atingir as estrelas."

Alvarez detestava aquele tom de falsa condescendência ocultando um menesprezo verdadeiramente professo com que alguns cientis-

tas insistiam em explicar fatos óbvios aos leigos como se esses não passassem de deficientes mentais. Ele próprio se considerava um homem de ciência (quem não é era, atualmente?), embora especialista em inteligência artificial autociente e não paleontologia. Sem muito sucesso, tentou não parecer muito sarcástico:

"Se bem me lembro, em criança examinei alguns fósseis de Selenessaurus sapiens no Museu Baker em Mare Imbrium. É de conhecimento público em Luna que a Terra de Cretáceo abrigou uma civilização tecnológica de saurópodes bípedes. O senhor certamente não desconhece os estudos de campo em paleontologia selenita?"

O representante do governo selenita divertido, percebeu pelo holotank e embaraço na fisionomia ruborizada do cientista terrestre. Ele tentou disfarçar com um pigarro pouco convincente. "Claro que não, Sr. Líder. Sei perfeitamente que a maior descoberta paleontológica da história foi realizada em solo lunar. Desculpe se parecer a intenção de ofendê-lo."

"Sem ressentimentos. Agora, quero que me diga o que tem uma civilização de dinossauros, se me permite a expressão, a ver com a espaçonave interestelar alienígena prestes a chegar à Terra."

"Existe a possibilidade daquela nave ter sido construída em estaleiros da Civilização Cretácea. O indicativo impresso em seu casco está escrito no mesmo idioma que traduzimos das placas de silício dos selenessauros encontradas na base lunar fóssil há quase meio milênio."

"Ridículo! Não estamos falando de treços de uma espaçonave sinistrada há eras, mas de um veículo inteiramente operacional."

"Isto permanece um mistério, de fato. Contudo, a própria tecnologia expressa na construção do 'Ranferrince' é perfeitamente compatível com a disponível aos selenessauros poucos anos antes da colisão catastrófica da Terra com o asteróide que extinguiu aquela civilização e boa parte da vida no planeta."

"É extremamente difícil de aceitar. .. Ranferrince foi um pequeno réptil alado, não foi?"

"Não exatamente um réptil, pois possuía sangue quente. Era, antes, um

pterossauro. Mais ou menos do tamanho de um pardal. Surgiu no Jurássico, dezenas de milhões de anos antes dos selenessauros. Mas algumas formas sobreviveram a ponto de se tornarem contemporâneas da Civilização Cretácea."

"Isto é específico demais para servir com saudação por parte de alienígenas amistosos. Sim, compreendo seu ponto. Esta é a designação do veículo, traduzida diretamente do idioma dos selenessauros, do termo exato que estes empregavam quando se referiam àquela espécie de animal."

"Certo. Ou alguém com bastante inteligência e recursos nos deseja pregar uma peça, eu..."

"...eu, por algum estranho capricho espacotemporal, algum meandro espiralado ao infinito ligando o passado ao presente de maneira fortuita e inconcebível, teremos em breve espécimes vivos de selenessauros caminhando entre nós."

Seu o antigo imediato do Ranferrince. Aquele que foi o responsável pela manutenção do Registro de Bordo. Dez anos se passaram desde a nossa chegada. Bem, não exatamente dez anos, que diabo (expressão tipicamente humana. Tem sido cada vez mais difícil evitá-las), os dias agora são mais longos! De qualquer forma, os humanos tem se revelado anfitriões muito certeses.

Inicialmente foi-nos quase impossível acreditar que nos havíamos perdido da nossa Terra, tendo vindo pausar numa Terra Mamífera, sessenta e cinco milhões de anos no futuro. A fauna e a flora modificaram-se totalmente. Todas as formas terrícolas dominantes se extinguíram. É incrível saber o quanto evoluíram aquelas bolinhas felpudas de pêlo, criaturinhas tímidas e rastejantes. Ocuparam todos os nichos ecológicos tornados disponíveis pela extinção em massa dos saurios, pterossauros e formas de répteis aquáticos. A natureza, após sessenta e cinco milhões de anos de pausa, produziu novamente uma espécie racional.

Esta não era em absoluto a Terra para a qual esperávamos regressar. Muitas vezes a saudade retornava

com a força de um punhal fustigando meu peito, bem próximo do coração. Nesses entes amados, nesses lares e cidades, nessa civilização e mesmo nessa espécie... tudo o que nos fazia saudáveis, tudo o que amávamos, já não passa de pó há eras geológicas sem conta. Para os humanos, havíamos emergido das brumas enevoadas de um passado remoto. Autênticos fantasmas, fósseis ambulantes, tornados em carne e osso. Preciosos apenas como curiosidades científicas: exemplares conscientes da outra espécie racional que habitara a Terra quando os seus próprios ancestrais não passavam de ariscos bichinhos homeotérmicos de hábitos noturnos. Como os demais "Náufragos do Cretáceo" (como alguns humanos insensíveis ainda insistiam em nos chamar), fiquei bastante deprimido e melancólico durante os primeiros anos. Pelo que nos informaram, nessa espécie se extinguiu três ou quatro anos após nossa partida.

Os humanos já nos conheciam pelos fósseis e artefatos colhidos na Base Lunar. Eles também não têm explicação para o ocorrido com o Ranferrince. Em quase setecentos anos de exploração e colonização do sistema solar, jamais haviam se deparado com o fenômeno que agora batizaram "translação temporal espacialmente vinculada". Curioso. Em nossa primeira incursão tripulada além da órbita terrestre aconteceu-nos ser transladados. Alguns matemáticos humanos ainda estão trabalhando numa teoria que lhes permita explicar a translação. Em minha opinião, continuam trabalhando por um bom tempo.

De vez em quando me pergunto onde estaríamos atualmente caso aquele gigantesco meteorito não houvesse se chocado contra a Terra. Talvez houvessemos nos disseminado por boa parcela da periferia galáctica, ou talvez apenas tivéssemos extinto a nós próprios em poucos milênios. Ou ainda regredido agônica e gradativamente à irracionalidade. Quem poderá saber? Ao contrário dos humanos, não tivemos nessa chance. Pelo menos, a humanidade aprendeu com nossa desgraça. Em órbita da Terra e no espaço interplanetário existem baterias de mísseis term nucleares e canhões desintegradores pesados prontos para pulverizar qualquer corpo de grandes dimensões do Sistema



Terra Lua. Não haverá mais extinções em massa.

Contudo, os antigos tripulantes do Ranferrince sobreviveram bem à desgraça de nossa espécie. E se recuperaram razoavelmente de seu regresso traumático. Estamos vivos. Enquanto há vida, mantém-se acesa a chama da possibilidade de um novo alvorecer.

O planeta vermelho - que os humanos denominam "Marte" em homenagem a um de seus antigos deuses tribais - mudou mais que a Terra nessas últimas dezenas de milhões de anos. Não parece mais o mundo de colonização fácil que havíamos conhecido. Não há mais vida por lá: tampouco atmosfera em quantidades apreciáveis. Mesmo assim, existem milhões de humanos lá residindo em cidades labirínticas instaladas no subsolo ou em pequenos núcleos urbanos na superfície, protegidos por cúpulas pressurizadas. A República Marciana é uma nação jovem e saudável. Existe mesmo um projeto de engenharia ambiental em curso para terraformar Marte, dotando-o de uma atmosfera respirável. O empreendimento durará mais de um século. Os humanos pretendem repopular esse planeta com clones dos exemplares da fauna e da flora paleomarcianas colhidas por nesse biólogo há um intervalo de tempo que a mim não parece ter sido maior que doze anos e alguns meses.

Não sei quanto a meus semelhantes radicados na Terra ou em Luna. Alguns, como o geólogo e a médica, constituíram família. Nessa população já se elevou de doze tripulantes originais para dezenove. No

que me diz respeito, entretanto, se-
rei o primeiro selenossauromarciano.
O governo da República concedeu-me
há poucos dias a cidadania plena. Co-
mo uma pessoa que dedicou boa parte
de sua existência ao estudo do plane-

ta vermelho, pretendo empregar
meu conhecimento para fazer de mi-
nha nova pátria um mundo novamen-
te fértil. Um lugar melhor para se
viver. Um lar, para os humanos e
para nós.

CORTE

por FÁBIO FERNANDES

Você já teve um dedo cortado?
Não, eu não quis perguntar se você
já cortou o dedo. Eu quis perguntar
se você já teve um dedo cortado, cor-
tado mesmo, arrancado da mão.

Eu já.

Sabe como é a sensação? No instante
do corte, é como quando você corta u-
ma fatia de queijo, só que o queijo é
você. Você sente a faca deslizar pela
carne, e tão nítida, tão palpável a
sensação, que a impressão é de que os
nervos estão sendo cortados também.
Mas é só impressão. E você também só
sente isso se a faca não estiver mui-
to bem afiada. Porque se estiver, você
só sente a carne.

Isso, claro, é o que acontece no in-
stante do corte. Apenas nesse instan-
te. Porque depois, logo depois, você
sente uma pulsação estranha no lugar
cortado. Naturalmente você sabe que i-
sso é porque as veias estão expulsan-
do o sangue para fora do corpo através
dessa passagem, e ela é tão pequena
para tanto sangue que a pressão inter-
na faz com que a extremidade cortada
chegue a latejar. Você pode até ver,
se aguentar a visão de tanto sangue
jerrando. Naturalmente que você sabe,
mas na hora é difícil lembrar.


Agora, essa sensação não dura muito.
Às vezes parece que dura minutos, em-
bora na realidade ela só dure uma fra-
ção de segundo. Porque, depois que a
sensação de pulsar chega ao cérebro, é
a vez da dor.

A dor vem em ondas. É como quando
você joga uma pedra na água e ela fer-
ma aquelas ondas concêntricas ao seu
redor. Da mesma forma, a dor vai subi-
ndo da extremidade cortada até o alto
da cabeça, onde ela chega ao cérebro
e faz você perceber que o corte deu.

E você grita.

Dificilmente você consegue segurar
suas reações nesse momento. É algo ma-

is
que
anima
nse -
tre -
A
mar que
mente.
você per
ciênci
tempo, e
o que está se passando. Você e a
dor são uma coisa só. Você é a
dor.



forte
você. Os
is não co-
guem con-
lar sua dor
dor é um
inunda sua
Tanto é que
de sua cons-
a por algum
sequer sabe
e que está se passando. Você e a
dor são uma coisa só. Você é a
dor.

Mas não acaba aí. Porque a dor
acaba. Pode demorar horas, mas a
dor acaba. E você não. Você pode
até estar bem fraco com a perda
de sangue, principalmente se não
cuidou da mão logo após o corte.
Porque ela pode ter problemas.

Você já ouviu falar em gangre-
na?

É quando um corpo apodrece. Co-
mo um pedaço de carne esquecido
fora da geladeira. É assim que
um membro infeccionado fica quan-
do ninguém cuida dele. No caso
do dedo cortado, primeiro a regi-
ão que circunda o lugar onde ele
estava começa a ficar arroxeadada,
depois embranquecida. Mas aí ela
já espalhou pelo resto da mão.
E nesse caso não tem mais jeito.

Você já teve sua mão cortada?

Fábio Fernandes é um dos mais ati-
vos fãs de nessa FC. Jornalista,
tradutor e crítico. No momento
está escrevendo seu primeiro re-
mance de FC, A Compreensão das Co-
isas, que fala sobre inteligência
artificial e caçada por um livro
raro, com elementos cyberpunk.

I InteriorCon

por MARCELLO SIMÃO BRANCO

Realizou-se no segundo fim de semana de outubro (12, 13 e 14), a I InteriorCon, a Convenção de Ficção Científica de Interior de São Paulo, na cidade de Sumaré. O evento, o primeiro de âmbito internacional na FC brasileira, foi organizado por um grupo liderado por Roberto de Sousa Cause. A grande atração, foi o premiado escritor americano Orson Scott Card que compareceu como Convidado de Honra.

Sexta-Feira, dia 12

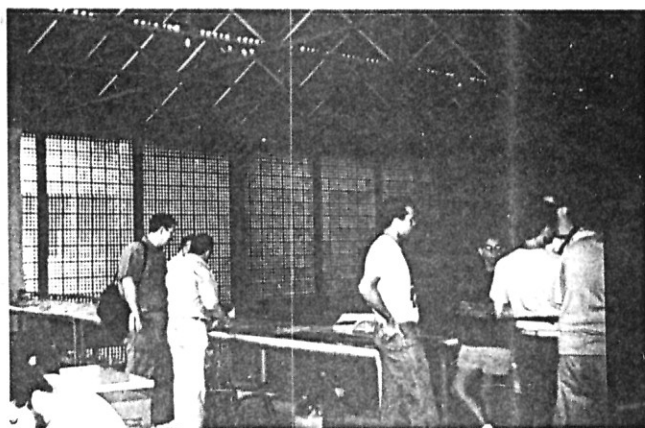
Ocorreu a abertura e as palestras de José Carlos Neves (fã-convidado de honra), Orson Scott Card e Henrique V Flery. Neves destacou sua participação no fanzine Hiperespaço, do qual foi co-editor por muitos anos; Card falou sobre literatura de FC e o processo de criação; Flery deu um show à parte ao comentar seu polêmico livro Projeto Evolução. Ficou faltando a palestra de Silvie A.F. Neto, que por atraso na programação acabou por ser cancelada. O índice de comparecimento foi pequeno, pois foi dia útil, contrariando o feriado deste dia que foi antecipado.

Sábado, dia 13

Acolheu o fandom em sua totalidade - pelo menos os que lá compareceram. Pela manhã, bate-papos e seção de autógrafos com Scott Card, seguida por um almoço longo e informal, que acabou a trasando o programa de atividades da parte da tarde. Que começou com a palestra "A Ciência Nacional na FC Brasileira", ministrada por Pierluigi Piazzi, publisher da Editora Aleph. Uma exposição didática e simpática, embora repetitiva para quem acompanhou outras de suas palestras. A seguir, viria uma reunião sobre a proposta de criação de uma Confederação Brasileira de FC e Fantasia, que não foi realizada devido ao atraso na programação e desinteresse por parte dos participantes. Uma idéia que amadureceu na IV Mostra de FC, realiza-

da em maio deste ano, que acabou por não se realizar. Uma pena.

O escritor americano deu continuidade, apresentando um brainstorm literário, onde os fãs e o autor criavam idéias e enredos para histórias de FC e Fantasia. Um ponto alto, com grande participação e entusiasmo dos fãs, e ótimo desempenho de Scott Card, com sua simpatia e ótimo domínio da língua portu-



Orson Scott Card, R.C. Nascimento, H.V. Flery e fãs do Grupo-Rio

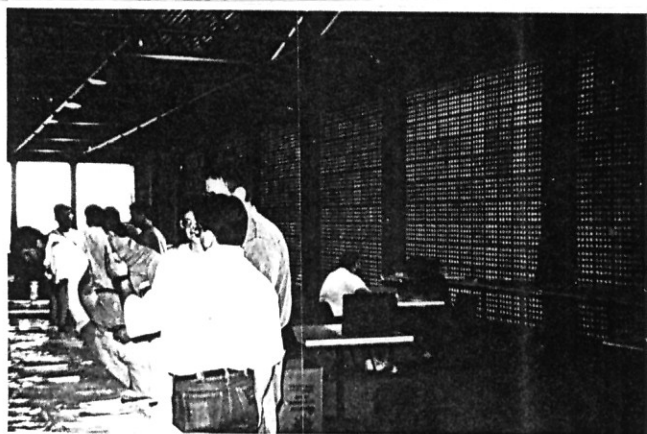
guesa.

O ambiente esquentou a seguir com o esperado debate-tema do encontro: "Movimento Antropofágico da FC Brasileira". Roberto de Sousa Cause, como mediador e R.C. Nascimento, Fábio Fernandes, Henrique V. Flery e Ivan Carlos Regina -- criador do movimento em 1987 no Somnium --, como debatedores. A idéia e proposta de buscar uma FC com características regionais, sociais históricas e culturais do Brasil, em contraposição a uma FC de caráter universal e não vinculada à regiões ou traços culturais particulares, é muito importante para se buscar uma linha e proposta temática com a qual a FC brasileira possa ser reconhecida e como instrumento divulgador da cultura nacional. Infelizmente, o debate rico e importante, acabou sendo desperdiçado, pela falta de conhecimento do assunto por parte de alguns membros da

platéia e um surpreendente egocentrismo de parte dos debatedores e platéia, onde não eram aceitas críticas, que eram levadas para o lado pessoal; tanto quanto ao tema, quanto a divergências de opiniões antigas e sobre assuntos que fugiam do debate. Em meio a tantos equívocos e bobagens, destaque para a participação de Ivanir Calado - autor novo(!) que trouxe exemplares de seu elogiado romance de fantasia, com características da cultura brasileira, A Mãe do Senho (ver resenha nesta edição) - com colocações e perguntas inteligentes, que elevou um pouco o baixo nível do debate.

Ficou claro, que algumas pessoas carecem de postura profissional, não sabem discernir entre crítica profissional e pessoal. Valeu, contudo, como um aprendizado, onde a maturidade e conhecimento do assunto deve prevalecer em futuros debates.

Ainda no sábado, depois de um big jantar, foi feita uma sessão de leituras, onde Carlos Regina deu um show, lendo e interpretando seus contos.



Silvio A.F. Neto (costas), Sr. & Sra. Orson S. Card, grupo de fãs liderado por Philip K. Dick.

Domingo, dia 14

Começou com uma frustrada partida de futebol entre fãs paulistas e cariocas. Devido ao baixo índice de "jogadores" presentes, foi formado um combinado Rio-S.Paulo, que levou uma sonora goleada de um time da cidade.

O primeiro evento da programação, foi a palestra "Espiritismo e FC", ministrada por Régie Bonil. A pouca platéia justificou a pouca importância

do assunto dentro da Convenção, onde só se falou de espiritismo e ao nível superficial.



Orson Scott Card e Marcelle Simão Branco

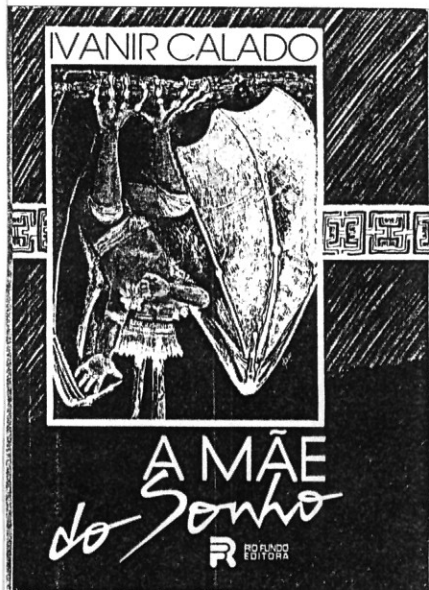
A manhã religiosa continuou - só faltou uma palestra "Religião e FC" - com nova mudança de programação. O escritor André Carneiro, surpreendentemente, trouxe um filme de sua direção sobre a ação evangélica dos Mormons no Brasil. Como se sabe, Card viveu dois anos no Brasil na década de 70 em missão por essa religião. Carneiro justificou a exibição, como um agradecimento à igreja mormon que indiretamente permitiu que conhecessemos Card, por ele já ter vindo ao Brasil. Constrangido, o autor americano fez questão de eximir participação de qualquer ordem na exibição de filme, afirmou que não veio "para fazer proselitismo de sua religião". Acontecimento infeliz e injustificável.

Após a última refeição, os fãs se reuniram para acompanhar e encerramento com a palestra "Transferendo Filmes em Livros", com Card falando sobre a novelização que fez para o filme O Segredo do Abismo (The Abyss), de James Cameron. A seguir emendou, respondendo a perguntas feitas pela platéia, onde a discussão de suas ideias em seus livros foi debatida, tudo dentro de um clima de muita descontração e informalidade.

Orson Scott Card, ao terminar, agradeceu a todos se dizendo muito feliz por ter tido a oportunidade de voltar ao Brasil e conhe-

cer o fandom brasileiro. Uma pessoa simples, humilde e inteligente que mostrou que se pode ser famoso e nem por isso deixar de tratar a todos com respeito e atenção.

RESENHAS



A MÃE DO SONHO.

Ivanir Calado. Rio Fundo Editora, 1990. 277 páginas.

O autor nos leva a uma fantasia muito bem delineada e rica, de uma maneira coerente e estruturada.

Estamos em plena ditadura militar, a repressão é pesada e nesta época são poucos os preocupa-

dos com as agressões que empreitadas como a transamazônica fariam à natureza. Acompanhamos Jorje da Matta, indigenista criado em berço de ouro, em sua busca a uma tribo desconhecida. Sua vida particular, suas aspirações e porquês são descritos de forma racional e parcelada, de acordo com o desenrolar da trama. Mesmo uma chacina, que lhe dá cabo temporariamente do juízo, nada mais é no livro do que uma fatalidade dos que mexem com coisas que não sabem

Ao mesmo tempo, um investigador particular é contratado para descobrir o porquê de tal tragédia. Interessante, são os tipos de impressão que são diferentes de acordo com o personagem, para melhor diferenciação entre um personagem e outro. Talvez Calado tenha se baseado em Admirável Mundo Novo, uma paisagem num jardim entre estudantes alfamais e um dos administradores, é difícil saber quem está falando.

O livro flui de forma coerente, mostrando o brasileiro lidando com coisas que não conhece, a agressão ao meio-ambiente e culturas no Amazonas, a re-

pressão e o medo do "milagre", o retrato de um período. Uma fantasia com grande conteúdo de realidade, pois mostra não só o passado recente, mas como o presente pouco mudou desde então.

Um livro de, com e para brasileiros,

MEGALON - NOV/DEZ 90

Sobre o comparecimento do fandom foi pequeno, mas mostrou-se ativo e entusiasmado. Destaque para os fãs cariocas que vieram em grande número, apesar da distância, uma lição aos preguiçosos paulistas.

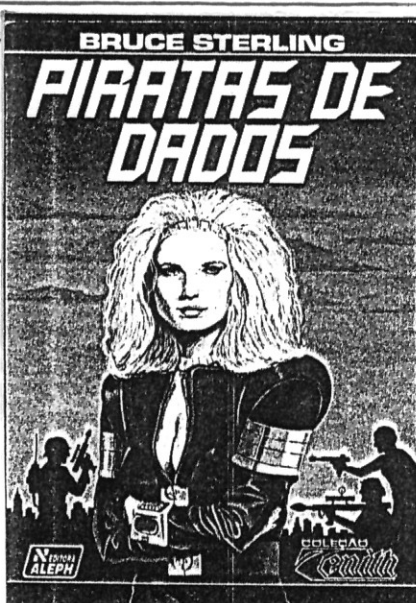
Que esta seja a primeira de um evento que se torne regular no calendário da emergente FC nacional

mas acredite que estrangeiros deveriam lê-lo, para entender mais nesse país. Provavelmente os extremistas radicais de uma FC genuinamente brasileira colocarão este livro em um altar. Parabéns a Calado e aguarde novas obras suas

per IVO LUIZ HEINZ

PIRATAS DE

DADOS (Islands in the Net). Bruce Sterling, 1988. Editora Aleph, Coleção Zenith, nº 2, novembro 1990. 362 páginas. Vencedor do John Campbell Memorial Award 89.



Século

XXI, o fim da guerra fria, a proibição das armas nucleares, a revolução da informática e a consciência ecológica moldaram uma nova geração. Um assassinato em uma colônia de férias de uma multinacional é a trama que conduzirá o leitor a um panorama diferente e original de um futuro até plausível, que renegou as armas nucleares e tenta eliminar a violência, sem deixar de ser humano.

Quando eu conversei com "não iniciados" na FC, procure alguns capítulos para demonstrar, a grosso modo, alguns estilos: Star Wars seria uma típica space-opera e Blade Runner um exemplo de estilo cyberpunk. Após ler esta excelente obra, terei que repensar meus exemplos.

Piratas de Dados possui uma contundente mensagem pacifista, esperança e de bem com a natureza

Para selucionar o mistério do assassinato, o casal responsável pela colônia de férias parte para várias viagens pelo mundo, acompanhados de seu bebê de cole, rejeitando todo e qualquer auxílio de armas e/ou uso de poder para coação. Como defesa, usam a comunicação full-time com sua companhia através da rede telemática mundial, que eles chamam apenas de rede.

Análogo ao que temos nos dias de hoje, os paraísos fiscais, a história mostra os paraísos de software, onde os mesmos são "lavados" e modificados. Uma versão extrapolada e realista dos nossos atuais piratas.

O autor domina bem a narrativa e ordena os personagens e suas nuances de maneira correta, dando as explicações no tempo certo. Também usa a tecnologia - e as extrapolações e aperfeiçoamentos do que já temos - de maneira coerente.

A capa é muito boa, mostrando a personagem Laura Webster, que no entanto não é a personagem principal, como pode parecer à primeira vista, e sim a sociedade que Sterling retrata.

Deste autor eu já havia lido sua coletânea Reflexos do Futuro (Argonauta nº 376) e o ótimo conto Deri Bangs na Isaac Asimov Magazine nº 2, a chance - é meio deprê. Lede engano. Um livro que agrada os fãs da hard, soft SF, e, principalmente, os que acreditam num futuro melhor.

per IVO LUIZ HEINZ

BESTA-FERA (Wolf file). Jack Woods. Nova Cultural, 1989, 274 páginas.

Um jovem casal num barco, próximo de uma ilha paradisíaca e misteriosa.

A noite, a lua cheia; uma criatura humanóide, coberta de pelos negros, olhos amarelo-esverdeados, dotado de poderosas garras e dentes. A criatura que emerge da floresta, que nada em direção ao barco e surpreende o rapaz enquanto urinava tranquilamente para as estrelas. Assim inicia o romance ambientado na ilha de "Lugar", na costa do estado de Maine.

O Dr. Ian Sanders, médico da ilha tenta desvendar o mistério das mortes sanguinárias de homens e animais e se depara com uma verdade sobrenatural que sua mente reluta em aceitar.

MEGALON - NOV/DEZ 90

Em que pese um excesso de páginas dedicadas a casos amorosos (lembrando telenovelas ou os Julia e Sabatina da vida), e a inverossimilhança cena de uma lindíssima mulher saindo só e desarmada para uma região pantanosa, atrás da criatura que estraçalhou seu cunhado, o livro prende a atenção e deve agradar aos novos apreciadores do gênero, habituados aos "closes" de salchicharia explícita. Mas o livro não é somente isso. Há um painel histórico que remonta aos primeiros moradores da ilha, no século XVIII, que eram colonos franceses dedicados às artes ocultas e vieram a procura de um refúgio onde pudessem exercitar seus ritos.

A atenção do leitor é definitivamente presa após a revelação de que a criatura tem um oponente à altura na ilha para enfrentá-la, e o final que parecia previsível torna-se uma surpresa que poderá entristecer aqueles habituados a clichês.

Quem disse que só com balas de prata é que se matam lobisomens?

per ROBERTO SCHIMA

A HORA DO LOBISOMEM (Cycle of the Werewolf). Stephen King, 1977. L&PM, 1988. 128 páginas.

Livro que deu origem ao filme exibido nos cinemas tempos depois - com o título modificado para Silver Bullet. É um trabalho excepcionalmente curto em se tratando de obras de King. Pode ser lido numa tarde e trata do ataque de um lobisOMEM numa cidade chamada Tarker's Mills ao longo de um ano.

Belas ilustrações de Berni Wrightson dão um toque a mais neste trabalho que se caracteriza sobretudo pelo clima gótico. Um King mais suave e sensível. O herói é um garoto numa cadeira de rodas e o lobisOMEM é...

per ROBERTO SCHIMA



A SÉRIE LORD TEDRIC

Resenha especial sobre o "pai" da Space Opera, E.E. 'Doc' Smith que muito influenciou gerações de fãs e escritores de FC.

LORD TEDRIC (Lord Tedric). Europa - América nº 38; LORD TEDRIC - Piratas do Espaço (Lord Tedric - The Space Pirates). Europa-América nº 42; LORD TEDRIC - O Cavaleiro Negro (Lord Tedric - The Black Knight of the Iron Sphere). Europa-América nº 50; LORD TEDRIC - Regiões Estranhas (Lord Tedric - Alien Realms). Europa-América nº 122. Os quatro livros de autoria de E.E. 'Doc' Smith.

A ação começa nos últimos dias de Academia dos novos membros do Corpo dos Cem, unidade outrora de elite de um Império decadente.

No primeiro volume é explicada a origem de Tedric, originalmente Lord Tedric dos Pântanos, corajoso e destemido guerreiro que lutou contra a magia em seu universo. Muitas passagens da vida anterior de Tedric são contadas através de flash-backs no começo de quase todos os capítulos, a narrativa e o próprio enredo lembram em muito a saga de Conan.

Um grupo altamente avançado de pesquisadores, chamado de CIENTISTAS, traz Tedric ao nosso Universo, apaga suas memórias e o insere nas tramas de um Império decadente. O motivo é óbvio, os detalhes do porquê ficam para o próximo volume, já que coisa comum neste gênero, a história é totalmente interligada, e famoso "não perca na próxima semana".

Em sua primeira missão, ele e outros membros são enviados a um mundo mineiro onde estão ocorrendo grandes revoltas e inimigos seculares do Império aparecem para reclamar o planeta para si. Tedric, é lógico, consegue dar um jeito na situação e conhece a outra face do Império, seus crimes, escravos degradados e corrupção.

Neste livro, Tedric começa a formar um inseparável grupo e muitas outras aventuras: o neo-humano Keller, o aristocrata decadente Philip, além de wykzl Ky-Shan - de uma raça inimiga do Império. No segundo livro, começa a delinear-se um mistério que só será resolvido no último volume: estranhas e imensas nuvens que engolfam sistemas estelares inteiros.

Exatamente por causa de seu desempenho no primeiro livro, Tedric ganha o ódio da elite dirigente do Império, em especial de Mathew Carey, primogênito da mais poderosa família. Caindo em desgraça, Tedric foge e junta-se a um importante e temido grupo de piratas, logo conquistando a liderança e fazendo outro amigo, o robô KT(294578)Wilson. Eles raptam Alic, irmã de Mathew, paranormal, celega e linda.

É difícil comentar o terceiro e quarto volumes com detalhes, pois as histórias são muito interligadas e se comentá-las tira o prazer de ler em lê-las. Tedric e seus companheiros assemelham-se muito aos Três Mosqueteiros, com Tedric personificando uma espécie de D'Artagnan espacial, que vem de muito longe, inculto, puro e com ideais de honra a manter.

Note muita semelhança com o clássico A Legião do Espaço de Jack Williamson, que inclusive é da mesma época, outro mestre da Space Opera. Mas note uma ligeira "derrapada" em direção à modernidade, a sutil referência à condição de amantes entre Tedric e Alic é algo inusitado na FC da época, tão puritana e conservadora.

Em meio à trama surgem descrições de mundos colonizados, após uma guerra atômica, por mutantes de habilidades extraordinárias, com um de seus mundos se dedicando às artes da guerra, sendo seus guerreiros versões futurísticas de Ninjas. Um deles, Frã Villion, terá parte importante na história.

Space Opera de primeira para ninguém botar defeito, com o Bem e o Mal muito bem definidos entre si - o mocinho é puro, leal e sem defeitos, o vilão é sujo e traiçoeiro. Este tipo de construção de enredo é típico e clássico nas space operas, confie na Força, Luke.

por IVO LUIZ HEINZ

O DÉCIMO PLANETA (The Tenth Planet). Edmund Cooper, 1973. Europa-América nº 28, 184 páginas.

O tema da destruição e ressurgimento da Humanidade é muito explorado pelo autor inglês. Seja por uma catástrofe natural, problemas ecológicos ou um apocalipse nuclear, como o caso de excepcional A Humanidade Artificial (The Overman Culture), um dos livros mais impressionantes que eu já li sobre o assunto.

Neste, o Homem parece por razões ecológicas - nada mais atual. Quando se apercebe do problema é tarde. Assim se desenrola o começo do enredo com a partida da "Dag Hammarskjöld", a última nave espacial a decolar da moribunda Terra. Ela leva uma carga preciosa em direção à colônia marciana: tecnologia, minerais, óvulos de animais e crianças super-dotadas. Só que a nave é sabotada, matando a seus tripulantes. Cinco mil anos depois, após a destruição de Marte, os humanos estão instalados em Minerva, o planeta do título, onde vivem no subterrâneo em uma sociedade de cultura estática e economia socialista.

Idris Hamilton, o comandante da nave sabotada, é encontrado entre os restos do bólido e devido à altíssima tecnologia do minervanos, é resuscitado tendo seu cérebro ativado e instalado em um corpo clonado. A partir daí, a história que começava grandiosa, cai no inevitável choque cultural do terráqueo e a sociedade que o recriou. Não é necessário contar os desentendimentos, brigas e situações que tornam insustentável a posição de Idris Hamilton.

Cooper não estava nem um pouco inspirado neste livro: sua narrativa continua elegante, com preciosas fundamentações técnicas à sua ficção, mas é desleixado com relação a personagens e passagens interessantes que não foram devidamente explorados. Existem inúmeros clichês, vou citar apenas um, o mais óbvio: um cientista genial chefiando o projeto de ressuscitação, coadjuvado por quem? Claro, por uma linda filha, que vai parar nos braços do herói terráqueo - por sinal um personagem horrível: machista, preconceituoso e prepotente.

O final é previsível e chega a irritar; como um escritor com tão bom

argumento, ter escrito com tão pouca inspiração e empenho.

por MARCELLO SIMÃO BRANCO

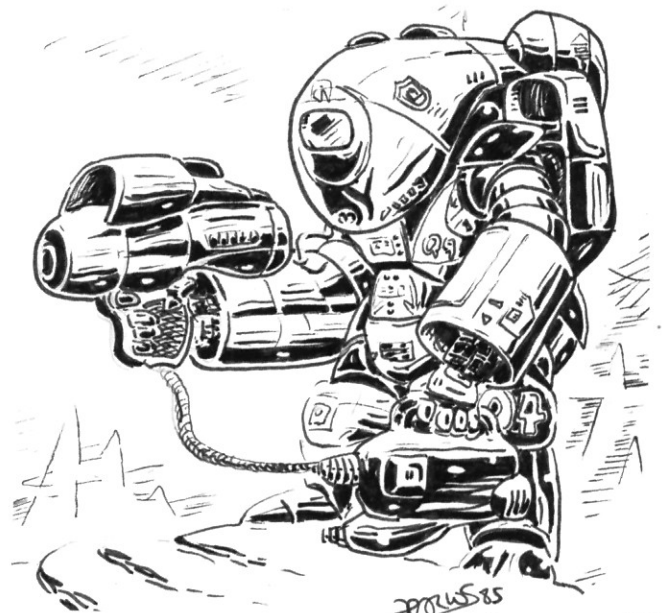
INCUBUS (Incubus). Ray Russel. Editora Nove Tempe, 272 páginas.

Das brumas de um tempo perdido, surge a criatura do título cujo único significado de sua existência é aplacar seu inesgotável apetite sexual. As mulheres são violentadas sem que a polícia consiga prender o assassino e muito menos evitar nos casos, trazendo o pânico para a cidade. Um perito nas ciências ocultas suspeita da identidade do criminoso, porém mostra-se tão inepto quanto as demais pessoas na tentativa de dar um paradeiro às mortes.

O autor consegue, através de tramas paralelas e tendo cada qual o seu suspense, prender a atenção do leitor do começo ao fim. Particularmente interessante são as cenas, intercaladas com a trama original, do julgamento de uma mulher por feitiçaria pela inquisição e o ritual de torturas.

A meu ver, a maior falha do livro foi justamente o seu excesso de suspense que acabou não se satisfazendo após a revelação sobre a origem da criatura. Foi como narrar a um glutão toda a sorte de guloseimas que ele encontrará numa festa, mas que lá chegando se depara com um bolo simples e alguns brigadeiros. E também a atuação do perito em ocultismo deixou muito a desejar. De qualquer modo, é um trabalho interessante e o único, até onde sei, que trata deste antigo ser.

por ROBERTO SCHIMA



A ficção científica no Brasil hoje vive um momento de efervescência em torno do gênero, como não se via desde a extinção do primeiro movimento, que foi marcado pelo aparecimento da Geração GRD, na década de 1960.

De lá para cá o que tivemos foi uma chuva de verão de obras por autores cujo interesse pelo gênero era descontínuo, além de eventuais novos trabalhos pelos remanescentes da Geração GRD. De qualquer modo, a maioria tinha o efeito de pedras n'água: poucas ondas e nada mais. Não poderia ser diferente, devido a um silêncio ainda mais grave que o dos autores: o silêncio dos leitores.

Por volta de 1983—precisamente em fevereiro desse ano—tal silêncio foi quebrado pelos lamentos de um bebê que ainda continua chorão: o fandom brasileiro. Uma comunidade de fãs manifestos, organizados no Clube de FC Antares, de Porto Alegre, mas recebendo emanações interativas de outras ilhas de aficcionados, como a Sociedade Astronômica Star Trek, e comunicando-se através de fanzines como o Boletim Antares e o Hiperespaço—este surgido em outubro desse mesmo ano.

Até 1985 éramos vagalumes garimpando a escuridão com as luzes pessoais de nossas almas desejosas de comunicação. Escrevíamos uns aos outros intensamente e colecionávamos os fanzines que iam e vinham—o Space Jornal, o Magazine de Ficção, o Milennium, o Caminhos da Ficção Científica, o Century City News—como se valessem mais que uma edição autografada da primeira Bíblia de Gutenberg. Enviávamos nossas mensagens, via cartas ou páginas em xerox de revistas de fundo de quintal: "Não estamos sós. Unam-se a nós."

Em 14 de dezembro de 1985 as coisas começaram a mudar. Surgia uma luzinha no fim do túnel e uma vizinha murmurando: "Já estamos indo". Era o Clube de Leitores de Ficção Científica, fundado a partir de uma ficha incluída no livro Quem é Quem na Ficção Científica—A Coleção Argonauta, edição independente de um certo Roberto Cesar do Nascimento, já um fã internacional na época, mas ainda desconhecedor do então insipiente fandom brasileiro.

A ficha propunha a formação do clube, sendo respondida por gigantes adormecidos como Ivan Carlos Regina, Gilberto Schoerder, Fritz Peter Bendinelli, Walter da Silva Machado, etc.

Eu soube de sua existência por meio de uma carta de Kleverton A.B. Neves, mencionando a existência do clube, publicada no Boletim Antares 18, que chegou a mim em fevereiro de 1986. Tornei-me o sócio Nº23 e tomei conhecimento das propostas do clube. Elas faziam, por efeito reflexivo, um retrato fiel do que era a situação da FC no Brasil, então mais frustrante que a de hoje. O CLFC parecia bem organizado, eficiente, deslumbrante pelo nível dos parti-

cipantes, que aumentava. Parecia capaz de realizar seus objetivos e nos lançar numa era de ouro em pouco tempo e, por um tempo, muitos de nós respiraram à sombra dessa perspectiva. Mas os passos teriam que ser do tamanho das pernas, e com o tempo os mais ansiosos adquiriram a visão disso.

Nascimento e Ivan Carlos Regina conduziram o CLFC numa escalada lenta mas constante. Já tive a oportunidade de dizer que antes só havia uma massa protoplasmática de intenções e agora há realizações, que vão da criação do melhor fanzine da presente história do fandom brasileiro, o Somnium, à consolidação do CLFC como maior núcleo de "cabeças pensantes e mãos trabalhantes" em FC abaixo do equador, neste continente.

O clube foi o modelador do atual estado da ficção científica no país, que se esboça como o momento mais promissor e engajador até agora. Acima de tudo, foi o fator maior para o que realmente importa: a vinculação do fandom com a produção de FC e fantasia no Brasil.

Esta "Segunda Época da Ficção Científica Brasileira" já passou do ponto de implantação, segundo o atual presidente do CLFC, Luiz Marcos da Fonseca, durante o coquetel de 5 anos da entidade. Ao contrário do que se deu com a Primeira Época, a falência de uma ou outra iniciativa não extinguirá a chama, por que quem a sustenta é um grupo variado e sem rabo preso: os fãs.



Estes sete anos permite-nos dizer que a Segunda Época produziu uma geração de autores que pode ombrear-se àquela Geração GRD. Também lançou ilustradores, tradutores e articulistas. Estabeleceu as bases de uma visão crítica que deverá ser influente nos próximos anos. Espargiu seu entusiasmo para as

esferas profissionais, o que deverá intensificar-se ainda mais. Em tudo isto temos o CLFC como o pivô dessa "revolução das bases", a lenta tomada do poder potencial que os fãs sempre dispuseram, de construir um campo de FC/fantasia no Brasil mais ativo, moderno e representativo que em qualquer outro instante.

Todavia essa condição ainda não foi alcançada. O primeiro estágio do foguete Ficção Científica Brasileira já se foi, colocando-nos em trajetória de escape, mas ainda temos que queimar muito combustível para atingir a órbita estável.

O momento seguinte é uma incógnita. Talvez o segundo estágio não entre em ignição se, por exemplo, iniciativas como a Coleção Zenith, a linha Ficção Científica GRD e a Isaac Asimov Magazine não se firmarem, especialmente diante do quadro de recessão que se afigura. Se acontecer, o fandom nacional sofrerá um baque, que talvez assimile tranquilamente, apenas retornando ao nível de atividade de um ou dois anos atrás. E isso só se dará porque existe um piso sólido que é o fandom, repousando sobre forte alicerce, o Clube de Leitores de Ficção Científica.

Mais uma vez, também nesse sentido, é o Clube de Leitores de Ficção Científica a base para novas e futuras tentativas—na eventualidade do retrocesso, ou não.

Cumpra pois, tanto evitar seu desgaste quanto fortalecê-lo.

Sabemos que o CLFC sobrevive pelos esforços e sacrifícios de um núcleo central de seus associados, enquanto uma parte significativa deles permanece relativamente aparte dos principais eventos e realizações. Do mesmo modo, enquanto o Somnium, editado por Carlos A. Mores, ostenta um nível profissional de qualidade gráfica, grande parte dos sócios não o assina—o que vem retardando sua evolução ao nível de publicação semi-profissional (a primeira do Brasil). Também o impacto e amplitude das realizações da entidade é limitada pela carência de recursos financeiros, e mesmo a edição do Somnium é coberta parcialmente por certos associados.

O grande desafio das próximas diretrizes será esse, de efetivar finalmente o CLFC como entidade civil auto-sustentada pelos mecanismos por ela criados. Tal "saneamento" é essencial para a manutenção do clube em sua posição capital no quadro da ficção científica no Brasil e para permiti-lo alcançar todas as suas potencialidades como representante de consumidores e produtores de FC, junto à sociedade. Hoje ele é uma entidade cultural respeitada em certos círculos restritos, mas para esferas mais amplas ainda não firmou-se como órgão de pesquisa e consultoria, indicador de tendências, agenciador de serviços ou representante de uma classe.

Embora o disposto acima não se inclua propriamente entre as disposições do CLFC, é lícito dizer que está dentro de suas possibilidades maiores e mais engrandecedoras do campo da ficção científica e fantasia no país.

A década que se inicia, com todas as suas promessas e temores, dirá se o segundo estágio vai funcionar e se, igualmente, o Clube de Leitores de Ficção Científica será o motor de partida dessa arrancada, ou a barreira mais forte contra o retraimento.



R.C. Nascimento e Ivan Carlos Regina, ao receberem o Prêmio Nova 87.

Assumindo que não possa haver a extinção do movimento, resta-nos dizer que um retrocesso provocado pelo fracasso das iniciativas acima citadas demandaria uma retomada futura dos esforços do fandom. Isso pode adquirir a aparência de uma onda de frequência modulada: as realizações do fandom influem no campo profissional e este, não se firmando, dependerá mais tarde de nova carga de influência do fandom. (Um pouco como aquele lema dos soldados da fortuna: "Mercenários não morrem, ele só se reagrupam no inferno".)



Em 1984 L. Ron Hubbard, conhecido autor de FC muito ativo durante os anos de ouro da ficção científica americana e que voltou na década de 1980 com trabalhos muito bem recebidos, criou o concurso Writers of the Future, como uma realização filantrópica voltada ao campo que o consagrou.

A cada três semanas um júri composto por escritores respeitados dentro do gênero da FC e fantasia — em 1990 composto por Gregory Benford, Ben Bova, Albus Budrys (o coordenador do concurso), Ramsey Campbell, Anne McCaffrey, Andre Norton, Larry Niven, Frederik Pohl, Jerry Pournelle, Robert Silverberg, John Varley, Jack Williamson, Dave Wolverton, e Roger Zelazny — seleciona três vencedores em fases preparatórias para a seleção final. O primeiro colocado torna-se elegível para o Grande Prêmio anual, entrando no páreo para o prêmio adicional de US\$ 4.000, pago a quatro trabalhos.

Os mais recentes vencedores são: Valerie Freinreich (USA), uma advogada; Oyvind Bernander (Suécia), um universitário estudando em Pasadena, CA, que já viajou pelo Sri Lanka e Tanzânia; e William Esrac (Austrália), de 56 anos, com uma carreira estabelecida na área de teatro, em seu país de origem.

Os prêmios para essa fase são de, respectivamente: US\$ 1.000, \$ 750, e \$ 500.

Como se vê, trata-se de um concurso aberto para todo o mundo, mas apenas para trabalhos apresentados em inglês. Os vencedores recebem os prêmios em dinheiro, mas retêm os direitos de publicação sobre seus textos. Posteriormente podem ser publicados nas antologias L. Ron Hubbard's Writers of the Future, publicadas anualmente, encontrando-se no momento em seu volume V.

Os livros de Hubbard são publicados no Brasil pela Record, mas nenhuma antologia chegou até aqui.



P.O. BOX 1630, LOS ANGELES, CA 90078

NEWS

Após a consolidação do Writers of the Future, Hubbard criou em 1988 o Illustrators of the Future Contest, concurso coordenado por uma das mais conhecidas personalidades da science fiction art nos USA, Frank Kelly Freas, presidindo um júri composto de

outros artistas consagrados, como Edd Cartier, Leo e Diane Dillon, Bob Eggleton, Will Eisner, Frank Frazetta, Shun Kijima, Jack Kirby, Paul Lehr, Ron e Val Lindahn, Moebius, Alex Schomburg, H.R. Van Dongen, e William R. Warren, Jr. — note que são artistas provenientes das áreas de ilustração editorial, quadrinhos e arte de galerias.

Formulado nas mesmas bases do concurso literário, ele apresenta como vencedores da mais recente etapa Ferenc Temesvari (Hungria), de 31 anos, autodidata que só há pouco iniciou estudos acadêmicos; Lawrence Allen Williams (USA), e Rob Sanford (USA). Todos passam para a segunda fase, onde ilustrarão as histórias classificadas no concurso irmão. Também recebem quantia inicial de US\$ 500.0 Grande Prêmio é US\$ 4.000.

Os julgamentos são feitos inicialmente sobre submissões de temática livre, na forma de cópias de boa qualidade de trabalhos exclusivamente em preto-e-branco, provenientes de qualquer parte do mundo.

O Illustrator of the Future Contest também representa uma manifestação de apreço da parte de L. Ron Hubbard pelo campo da ficção científica e fantasia.

Informações a respeito de ambos os concursos podem ser obtidas através de correspondência enviada ao seguinte endereço:

P.O. Box 1630, Los Angeles, CA 90076 - USA

Até o momento poucos ou nenhum brasileiro candidatou-se a uma colocação nesses concursos. Compreende-se as dificuldades, devido ao problema com o inglês, mas e quanto aos ilustradores?

ULISSES RUMO AO SOL

Depois de uma série de ajustes de trajetória a sonda espacial Ulises, lançada ao espaço no dia 6 de outubro, prossegue em sua viagem solitária rumo ao planeta Júpiter, que deverá alcançar em janeiro de 1992. Se tudo correr bem a gravidade do planeta gigante provocará uma brusca aceleração na rota da pequena nave de 370 quilos, lançando-a numa trajetória curva por cima do plano das órbitas dos planetas. Isso vai permitir que a Ulises passe sobre o Polo Norte do Sol em maio de 1994 e sobre o Polo Sul um ano depois.

Esse tipo de viagem, usando a gravidade dos planetas como força de impulso é bastante econômico, mas tão demorado que só pode ser usado por robôs como a Ulises. O recorde ainda pertence a Voyager 2, que levou 12 anos para cruzar o Sistema Solar, da Terra a Netuno. A Galileu, maior e mais pesada que a Ulises, foi lançada no ano passado numa trajetória indireta e só deve atingir Júpiter em 1995. Uma nave tripulada teria que ser mais rápida, a menos que a hibernação humana por congelamento, mostrada em 2001, seja mesmo aperfeiçoada.

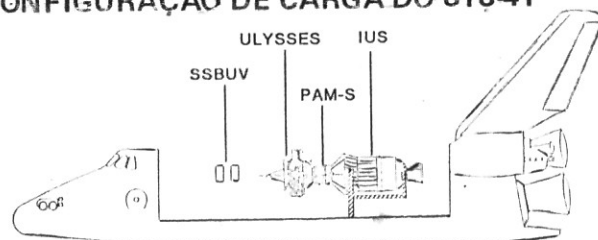
Avaliada em 750 milhões de dólares, metade do preço do telescópio espacial Hubble, a Ulises leva instrumentos para estudar o plasma interplanetário, um lençol de gás eletrificado que permeia o espaço entre os planetas. Seu vôo sobre os polos do Sol, em 1994 e 1995, deve fornecer aos cientistas uma visão tridimensional das camadas de gases e dos campos magnéticos envolvendo essa estrela vital para a vida na Terra. De especial interesse é o estudo dos buracos coronais, aberturas na atmosfera externa do Sol de onde parece brotar o vento solar, um fluxo de partículas atômicas que poderá ser usado para impulsionar os veleiros espaciais do futuro.

Com a Ulises termina a terceira geração de sondas espaciais. A primeira geração foi formada pelas Luniks, Rangers e Mariners, naves

que colidiam violentamente com os corpos celestes, ou os sobrevoavam rapidamente nos anos 60. Na década de 70 foram lançadas as naves de segunda geração, Pionners e Voyagers com geradores nucleares, para explorar Júpiter e Saturno, e as Viking e Venera, que pousaram em Marte e Vênus.

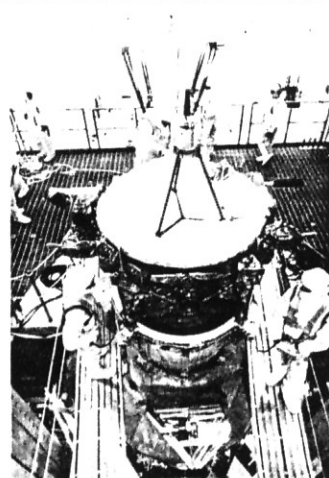
As naves de terceira geração são a Ulises, a Galileu e a Magalhães, concebidas para serem lançadas do ônibus espacial americano. Problemas com a nave tripulada adiaram por 5 anos o lançamento dessas sondas espaciais. Agora a série termina com a Galileu e a Ulises viajando para Júpiter e a Magalhães em órbita de Vênus, mapeando o planeta com ondas de radar. A próxima geração será composta pelas Mariner Mark II, que vão explorar Saturno e os cometas e pela Mars Observer, que deverá orbitar Marte. Essas naves serão lançadas por foguetes descartáveis, não tripulados, dos tipos Titan e Delta, livrando o programa de exploração planetária dos atrasos causados pela encarecida ônibus espacial.

CONFIGURAÇÃO DE CARGA DO STS-41



STS-41 (Ulysses) Launch Window

LAUNCH DATE (Oct)	OPENS (EDT)	DURATION (hr:min)
05	07:35	2:18
06	07:35	2:35
07	07:36	2:34
08	07:37	1:59
09	07:38	2:00
10	07:39	1:54
11	07:40	1:59
12	07:40	2:05
13	07:41	2:08
14	07:42	2:15
15	07:43	2:12
16	07:44	2:09
17	07:45	1:53
18	07:45	1:49
19	07:46	1:48
20	07:47	1:44
21	07:48	1:23
22	07:49	0:49
23	07:50	0:08



Ulysses é unida ao seu propulsor IUS/PAM-S

À esquerda e embaixo, janelas de lançamento do vôo STS-41 (data, hora da abertura, duração). Fonte: revista inglesa Spaceflight de outubro de 1990.

GALERIA DO TEMPO

MIGUEL FRANCISCO CARQUEIJA



Esta nova seção tem por objetivo comentar obras de ficção científica ou similares, em edições em língua portuguesa, de qualquer época.

A Luneta Mágica, Joaquim Manoel de Macedo, Ed. Ática(SP), Série Bom Livro, 4ª edição, 1977. Romance publicado originalmente em 1869.

Fruto da pena de um dos mais célebres romancistas brasileiros, A Luneta Mágica é uma história densa, fechada sobre si mesma, num esquema completo. Com uma tecitura filosófica que a perpassa do princípio ao fim, a novela é fantástica, metafórica, poética, lembrando um pouco a ficção científica quando a magia se configura em instrumentos de precisão: as lunetas utilizadas por Simplício.

A trama só poderia ocorrer com alguém como Simplício: um rapaz absurdamente míope, e mais absurdamente ainda crédulo, que narra detalhadamente as suas desventuras. Aprendiz de feiticeiro, ao desencadear forças que não saberá controlar, Simplício passa a enxergar normalmente ao receber de um misterioso armênio—cujo nome não é mencionado uma única vez—a luneta mágica, onde foi aprisionado uma salamandra (não o anfíbio, mas uma criatura de fábula). O mágico advertte o rapaz:

"Além do número de três minutos está a visão do mal, que o meu poder de mágico não te pode impedir; porque a visão do mal é a vingança da salamandra escrava; mas a fixidade dessa luneta além do número de 13 minutos é a vidência do futuro, e essa eu te impeço."

E acrescenta que a luneta se quebrará nas mãos de Simplício, se ele tentar a experiência.

Simplício, claro, se deixa levar pela mórbida curiosidade de conhecer a terrível VISÃO DO MAL, e fixa a luneta (monóculo) por mais de três minutos. Resultado: tudo, mas tudo mesmo, se lhe afigura perverso, maléfico, triçoeiro. Detalhista, o autor entra em minúcias curiosíssimas, espalhadas por uma infinidade de capítulos curtos. Vejam algumas amostras:

"O beija-flor é como a serpente pela extensibilidade da lin--

gua, e esta ainda nele se duplica, estendendo dois filetes, que lhe servem como as garras às aves de rapina. Finalmente agressivo e destruído, ele mata e devora em cada dia dezenas de insetos inocentes, fracos e incapazes de defender-se, eusando sem continência, nem respeito ir arrancá-los de mais doce asilo, do seio mimoso das flores!..."

Após essa diatribe contra o colibri, que a visão do mal lhe revela ser um ente malvado e sádico, Simplício prossegue em suas decepções com a natureza:

"Vi uma pulga. A perversa estava cheia de sangue, talvez meu, com que se havia regalado(...) Inimiga declarada do homem e da senhora, ousa devassar o leite da honestidade e do recato, mordendo sem piedade a menina, a donzela, a esposa, a matrona (...) Vi um mosquito: outro mostro sanguinário dez vezes mais bárbaro que a pulga; porque a pulga farta-se do sangue em silêncio, e não zomba das vítimas, e o mosquito, à semelhança dos selvagens e dos bárbaros que dançavam em roda dos cadáveres de suas vítimas, o mosquito, digo, bebe o sangue ao som da música, ou antes e depois de bebê-lo em nossos corpos, canta enfadonho, insupertável, desatinado, insistente como o grilo."

E assim por diante: o cupim é "implacável", um "inseto-monstro", a aranha é "assassina, terrível". Se simples animais irracionais, inocentes, causaram tanto horror desvendados à visão do mal, imaginem o que Simplício não vê nas pessoas! Para início de conversa perde a confiança nos parentes com quem mora: o irmão Américo, a tia Domingas e a prima Anica. Todos se transformam, a seus olhos, sanguessugas exploradoras.

A visão do mal arrasta Simplício ao ceticismo, ao desespero, ao ponto de admitir:

"Achei-me na terra sem um parente anado, sem um parente possível, sem uma noiva possível, sem sociedade possível..."

O curioso é que, quando Simplício troca de luneta e passa a ver o bem em todos e em tudo, sua situação não melhora. De certa forma até piora porquê, confiando em todos, acaba vítima dos mais descarados vigaristas, empregando dinheiro e assinando documentos, até colocar a família em pânico e ser ameaçado de interdição.

É incrível a credulidade de Simplício: com a visão do bem eis o que ele vê, quando visita a penitenciária:

"Será incrível, mas é verdade: não há um só daqueles infelizes condenados que não seja inocente dos crimes que lhe imputam."

Essa credulidade pode até ser irritante para o leitor: será Simplício um completo imbecil? Será possível que ele não questione nem por um momento o que lhe mostram as lentes mágicas? Aliás em nenhum lugar do livro se explica como funciona a visão mágica, de que maneira o personagem percebe as qualidades morais que descreve. Isso deve ter sido embaraço para Macedo, e ele preferiu contornar a questão (ou não teve outro jeito). Simplício admite a sua miopia moral; mas, na realidade, se ele não fosse assim o livro não poderia ser escrito. J.M.Macedo levou o assunto à exacerbação, com o personagem à beira da leucura sob o efeito da luneta, e só assim a mensagem pôde ser passada com todo o seu vigor. Assim, se a luneta mostra o mal, Simplício crê no mal; se mostra o bem, ele crê no bem.

Será maniqueísta a visão do livro? Não; é o anti-maniqueísmo. Nesse mundo, e principalmente nos seres humanos as coisas boas e más estão misturadas. Por isso não se espera que as pessoas sejam inteiramente boas ou más. Por não compreender isso, Simplício caminha para a auto-destruição, que só o armênio sem nome, o único que controla os acontecimentos, irá impedir na hora certa.

Há uma riqueza filosófica nessa novela cuja posição é singular na ficção brasileira, riqueza essa disfarçada, de certo modo, pela ingenuidade do estilo, estribado na ingenuidade do personagem central. É livro cuja leitura eu recomendo.

A edição que utilizei possui um anexo para exercícios escolares em torno da história, e um comentário de Marisa Philbert Lajolo.

Nota do Editor: Terá sido essa a primeira obra da ficção científica brasileira, ainda no século XIX? Deixe em aberto a questão aos nossos pesquisadores e colecionadores.

Adendo ao DIÁRIO DE BORDO NACIONAL: HENRIQUE VILLIBOR FLORY conseguiu nova carona num cargueiro da FAB para a Europa, onde pretende visitar editoras, revistas e fãs de FC daquele continente. Sua partida se deu logo após o Natal. A data de retorno ainda não está definida.



Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Orson Scott Card é uma das figuras mais representativas no campo da ficção científica e fantasia nos Estados Unidos. Tem publicados no Brasil o multi-premiado romance *O Jogo do Exterminador (Ender's Game)*, N-1 da Coleção Zenith (Aleph), e *O Segredo do Abismo (The Abyss)*, pela Record. Em adição, sua ficção curta começa a aparecer na *Isaac Asimov Magazine* brasileira. Para 1991 é esperado o lançamento de *Orador dos Mortos (Speaker for the Dead)*, seqüência de *O Jogo do Exterminador*. Card permitiu a tradução de sua coluna de resenhas vista originalmente em *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* para um fanzine brasileiro, e publicando-a *Megalon* espera informar seus leitores quanto ao estado do gênero nos EUA e transmitir as opiniões deste que é um dos mais populares autores do gênero em todos os tempos. Orson Scott Card esteve no Brasil durante outubro de 1990, acompanhado da esposa Kristine, para participar como Convidado de Honra da I InteriorCon, bem como divulgar suas obras aqui publicadas.

- Greg Johnson, Alec Kercso, Bob Gonsalves, T.C. Lee, Rod McConnell, *Starflight* (Electronic Arts, Binary Systems; IBM compatíveis, cor não requerida)
- Richard Garriott e Charles Bueche, *Exodus: Ultima III* (Origin Systems, Inc., Apple, Commodore, IBM, MacIntosh)
- Michael Cranford, *Bard's Tale* (Electronic Arts, Interplay Productions; Apple, Commodore, IBM)

Esta não é uma coluna de resenha de jogos, mas às vezes um jogo de computador entra no reino das histórias de ficção científica e fantasia. Acho que vale a pena ressaltar que alguns jogos de computador agora são capazes de dar ao jogador uma experiência parecida com a da ficção. O criador do jogo cria um mundo interessante e perigoso através do qual o jogador se movimenta; o jogador, por sua vez, se torna o protagonista, o herói, improvisando os acontecimentos da história. Desta forma, criador e jogador se tornam colaboradores, co-autores do que pode ser, nos melhores jogos, uma forte e fascinante experiência ficcional.

Starflight é o primeiro jogo de computador de ficção científica que realmente dá a você a experiência de navegar pela galáxia. Você visita sistemas solares e examina planetas para ver quais são adequados para colonização. Pousa, procura minerais valiosos e explora ruínas de civilizações antigas, todo o tempo lidando com a fauna local. Enquanto viaja, encontra diversas raças alienígenas, e tenta fazer amizades com elas para poder aprender os segredos dos antigos. Eventualmente, você deve visitar um planeta estranho de cristal que está causando uma grande instabilidade estelar, ameaçando toda a vida; para impedir isso, você precisa entrar em contato com a espécie mais estranha de todas. Eu achei este jogo obsessivamente fascinante—e os gráficos e a interface do jogador são excelentes.

Exodus: Ultima III é um de uma longa linha de variantes de *Dungeons and Dragons* computadorizado. Diversas coisas fazem com que este fique acima da média: todo o tédio idiota de calcular força e energia etc. são calculados completamente pelo computador, enquanto o jogador tem simplesmente controle de tempo real sobre a batalha. O jogo não consiste em lutar contra intermináveis monstros idiotas—você tem de conversar com cidadãos locais em várias cidades para obter pistas importantes. Existem calabouços (dungeons): labirintos de muitos andares onde você obtém ouro, sim, mas também sinais arcanos gravados a fogo em sua pele, que lhe permitem acesso a níveis de jogo superiores. Você deve encontrar um caminho por terras ocultas, cujas entradas podem ser estupidamente óbvias, desde que você saiba onde elas ficam. Acima de tudo, você está livre para explorar à vontade, sem uma ordem específica de resolver problemas até encontrar o objetivo final no calabouço mais perigoso. O resultado é que *Exodus* é uma maravilhosa aventura de fantasia.

Bard's Tale existe, suponho, para nos mostrar como um jogo pode ser mortal quando o seu criador pensa como um programador ao invés de como um contador de histórias. Obcecado com as possibilidades de grafismos fantásticos, os criadores do jogo nos dão quadros lindos—mas toda a ação do jogo tem lugar fora da tela, com palavras, e não desenhos, relatando de volta os resultados. Os grafismos são mais fantásticos, à princípio, do que em *Exodus*, mas o jogador logo se cansa dos mesmos quadros o tempo todo. Durante a fase inicial do jogo, há uma musiquinha que deixa você maluco mas que não pode desligar: eu estava a ponto de rasgar o disquete ao meio quando finalmente comecei o jogo. No fim das contas, é um triunfo da programação... e uma falha como jogo e como história. O quê, suponho, a torna também uma falha enquanto programa. — Trad. Fábio Fernandes.

- David Zindell *Neverness* (Donald I. Fine, encadernação em pano, março de 1988)

O primeiro romance de David Zindell, *Neverness*, é do mesmo futuro que sua instigante história "Shanidar", a revelação da primeira antologia do concurso *Writers of the Future*. Mas a relação entre o romance e a novela é a mesma que uma rodovia de dez pistas tem com uma estrada de terra batida.

Este é, à primeira vista, um futuro do tipo space opera, que se passa numa cidade onde não existem telefones, onde o maior meio de transporte terrestre são os esquís de gelo, enquanto membros da Corporação dos Pilotos entram e saem de janelas nos caminhos múltiplos e intrincados entre as estrelas. De forma extremamente romântica (no sentido do estilo literário) os pilotos embarcam em jornadas, respondendo ao chamado do Guardião do Gempo. Em quinhentas e tantas páginas, vivemos a rivalidade entre pai

e filho, incesto, intriga, assassinato, ressurreição, desmascaramento e conversa entre deuses que um dia foram humanos e humanos que breve serão deuses. Há uma raça estelar que devora estrelas, e outra que deixa uma mensagem vital para a humanidade antes de ir morar num buraco negro. Não consigo me lembrar de ter lido um Romance melhor em toda a ficção científica.

Mas Zindell não faz somente uma coisa. Este Romance faz tudo. Os personagens não são os tapa-buracos unidimensionais que Romance exige. Eles mudam e crescem, eles se tornam reais. Os grandes eventos se desenrolam através de comportamentos profundamente convincentes num universo totalmente arquitetado.

E também é uma excelente FC hard, com um tratamento sério de difíceis questões matemáticas e genéticas. Você já se perguntou para quê todos os genes "extras" em nosso ADN são? Pode o espaço ser dobrado de forma que toda estrela fique próxima de outra? Os pilotos fundem-se com os computadores de suas naves e manobram pelas estrelas construindo provas matemáticas de que o movimento que precisam fazer é plausível.

Idéias jorram da mente de Zindell e fluem pelas páginas deste livro—e mesmo assim a ação na pára para elas. Ao invés disso, as idéias é que pegam a história e a levam consigo. Em última análise, a história é sobre a busca do significado, do propósito, do segredo da vida. Zindell tem a audácia de responder à esta grande pergunta. E é em sua ousadia em responder isso que este livro se torna não apenas um romance brilhante, mas uma visão forte e séria do potencial humano.

Há ecos óbvios de Gene Wolfe em *Neverness*. Zindell captou alguns dos macetes estilísticos de Wolfe: listas de palavras arcanas e arcaicas, por exemplo ("escatologistas, cétricos, acásicos, horólogos... escribas, holistas, historiadores, relebradores, ecologistas, programadores, neológicos e cantores"—todas as quais são usadas na história; Zindell não faz listas em vão). É uma ousadia convidar a comparação com Wolfe, e às vezes um pouco embaraçoso. Por exemplo, quando Zindell relaciona todos os tipos diferentes de bares num distrito da cidade de *Neverness*, termina a lista dizendo: "Em algum lugar—e por que não?—existe um bar para quem gosta de falar sobre o que ocorre em todos os outros bares." Um anti-clímax destes, um clichê tão óbvio. Wolfe certamente teria feito uma dupla inversão, como "Um bar para quem acredita que não existem bares, e outro para quem acredita em bares, mas não crê que alguém já tenha visto um."

Mas isto é no início da história. Zindell logo se torna forte o bastante para que o leitor não o compare mais com Wolfe ou ninguém mais. Ou melhor, enquanto eu reconhecia que Zindell não podia se igualar a Wolfe nos melhores jogos deste, ele possui alguns pontos fortes que Wolfe não tem: por exemplo, os episódios individuais de Zindell, embora poderosos, nunca obscurecem o fio principal da história, e enquanto seu narrador é autoconsciente, ele permanece fundamentalmente inocente. Permanece jovem, e por isso a narrativa está sempre vigorosa, e o narrador não nos surpreende tanto quando se junta a nós ficando surpreso com o que acontece na história.

Como todos os melhores escritores de ficção científica, Zindell aparece com conceitos e padrões culturais que exigem a criação de palavras. Genar: alterar a estrutura humana em nível genético, mudando permanentemente a forma física. Denar: tomar ADN de uma pessoa contra a sua vontade, criar avatares dela, ou talvez filhos. Fenestrar: passar de "janela" em "janela" na multiplicidade: um verbo que há muito a FC precisava. Zindell ajudou a desenvolver nossa linguagem coletiva, que é um modelo de nossa mente coletiva.

Eu queria ter escrito este livro. Não porque o admire (embora isso seja, é óbvio, verdade). Meus sentimentos estão além da simples inveja. Eu queria tê-lo escrito porque quando o li, ouvi Zindell dizer coisas que eu havia tentado dizer em muitas de minhas obras, mas nunca disse, não com esta clareza, não com esta totalidade. Eu queria tê-lo escrito porque é a verdade, verdade merecida, verdade que cresce de uma história que é ao mesmo tempo grande e pequena, brilhante e obscura, simples e intrincada. Eu queria tê-lo escrito porque um contador de histórias nunca sabe realmente uma história até tê-la contado. Eu li o livro de Zindell, e quero saber o que ele sabia que lhe permitiu contar esta história. Eu mesmo quero contá-la um dia. — Trad. Fábio Fernandes.

- Michael Bishop, *Unicorn Mountain* (Arbor House, maio 1988, encadernação em pano, 352 págs.)

À primeira vista, *Unicorn Mountain* parece ser um romance sobre AIDS,

e minha resposta imediata foi estremecer—o quê, Michael Bishop, bastião de integridade na ficção especulativa escrevendo um romance de tendência?

Houve muito para alimentar meus temores na primeira parte do livro. Quando Libby Quarrels, uma rancheira de meia idade do Colorado, subitamente chega em Atlanta para trazer seu ex-primo, artista publicitário, homossexual e Pessoa-Com-AIDS Bo Gavin, de volta ao Colorado para morrer, eu quase engasguei-me com a doçura ofensiva de tudo.

Bishop pareceu conscientizar-se disso; a excentricidade e o papo destes dois é mais que um pouco forçado, como se Bishop estivesse inflexivelmente determinado a fixá-los a despeito de tudo. Eles intelectualizam sobre suas próprias ações e atitudes como se o autor houvesse lhes dado uma preleção ligeira sobre o subtexto. Libby sofre de inabalável retidão ideológica, e todos tem o mal hábito de pensar o que simplesmente ocorre de explicar o cuidadosamente laceado e absolutamente óbvio macramê de símbolos. Este é um romance no qual você tem que ser cérebro-morto ou um leitor freqüente de Douglas Adams para não pegar a mensagem.

Mais rápido do que eu esperava, porém, estes problemas desaparecem no background, e quando Bishop deixa-nos prestar atenção na história, ela é maravilhosa. Não apenas faz Libby e Bo tornarem-se genuinamente plausíveis, eles são meramente dois dos muitos personagens deliciosos neste livro.

Meus favoritos estão entre os índios: D'Lo, que arrebenta a própria cabeça com uma espingarda e então assombra as pessoas até que elas fazem o que ela quer; Sam Coldpony, cujo casamento com D'Lo rompeu-se cedo mas que ainda forma a espinha de sua vida; Paisley, filha deles, que luta para achar seu caminho para encontrar seu caminho mágico no mundo a despeito de seus pais; e inesquecíveis personagens menores como o ébrio Helbert Barnes e o xamã de charutaria DeWayne Sky e sua esposa espinhosa Lanna Sue. Eles são ricamente humanos e cheios de mágica sensível—de modo algum como os índios de Castañeda que nos tem chateado desde que os hippies drogados os inventaram em 1967.

Há também unicórnios, os quais Bishop manobra para limpar-las das cracas simbólicas que eles têm adquirido com os anos com o fim de fazê-los algo de novo. Ele também lhes dá um novo nome—kartajans—o qual agiganta-se neste livro como a montanha em Contatos Imediatos do Terceiro Grau. Os kartajans de Bishop vêm ao nosso mundo não para nos curar, mas para serem curados; eles nos transformam, não por sua perfeição, mas pela paixão que exigem de nós.

O triunfo deste, o mais artisticamente completo e bem sucedido romance de Bishop até a data, é que ele declara fazer algo que é quase impossível em ficção: Ele escreveu um romance sobre construir uma tribo, fazer uma única entidade de dúzias de personalidades conflitantes e divergentes. Para fazê-lo, ele tinha que nos levar a conhecer e entender e importarmos-nos com personagens mais completamente criados que a maioria dos escritores produz numa carreira.

Pelo fim de Unicorn Mountain, você saberá como estar numa tribo, você saberá porquê ela significa mais que uma família. Você terá aprendido a tomar a responsabilidade por todos os outros, ter respeito por eles mesmo quando eles mijam pra você. Você sentirá como se Bishop o houvesse incluído em sua tribo frabricada, embrulado você no lençol de Deus e por fim enviado-o para casa e para o seu verdadeiro amor, que o terá perdoado por tudo. — Trad. R.S. Causo

● Isaac Asimov, Prelude to Foundation (Foundation Books/Doubleday, encadernação em pano, maio de 1988, 402 pags.)

Isaac Asimov continua interferindo com sua própria obra, como se não confiasse que suas histórias e romances de robôs e a trilogia fundação pudessem suportar o teste do tempo. Por que no mundo ele sentiu a necessidade de conectar estas duas séries completamente não-conectadas?

Seu motivo não importa. O que conta é que o gênio e a integridade de Asimov o perdoam por fazer um remendo mesmo de uma idéia tão má quanto esta. Eu nunca quis ler sobre a chegada de Hari Seldon a Trantor e o início de sua carreira, nenhum pouco mais do que quis saber o que acontece após o fecho da Trilogia Fundação. Mas apenas como Foundation and Earth, Prelude to Foundation é uma história vital, rica em idéias—que indagam e propõem respostas para—alguns dos mais nodosos problemas em filosofia ética.

Eu prometo que você achará neste livro o que Asimov sempre nos deu antes: mistério, engenho, aventura, e idéias. Também prometo que Prelude soará vagamente no velho estilo—o estilo e a voz de Asimov estavam estabelecidos muito antes de Bestor e Ellison e LeGuin. Mas apenas porque temos Mozart e Beethoven e Satie não quer dizer que deveríamos valorizar Bach um mínimo a menos; e se, como Bach, Asimov está escrevendo seus melhores trabalhos quando eles já estão literariamente fora de moda, podemos também estar certos de que, como Bach, Asimov transcenderá a moda para ser lembrado como um dos grandes no seu campo—parcialmente por causa de, e não absolutamente a despeito de, sua mais recente ficção.

Então mergulhe neste livro e encontre o usual sortimento de heróis inesquecíveis de Asimov: Hari Seldon; sua adorável e mortal guarda-costas, professora de História Dors Venabili; um menino de rua chamado Raych; o guru do underground trantoriano, Mother Rittah; um pervertido calvo chamado Ra indrop Fourty-Three; um matemático autodidata, Yugo Amaryl, lutando para erguer-se do seu intocável castelo; e Rashelle, que modestamente aspira ser ditador absoluto de somente um punhado de mundos.

Você também explorará Trantor, o qual Asimov fez quase tão maravilhoso (e mesmo mais plausível) que Ringworld de Niven; você descobrirá no que se tornaram os elitistas de Aurora e todos os seus robôs, e, acima de tudo, você lerá a história e descobrirá como a Psichistória foi finalmente tornada prática.

Prelude vai ser um best seller. Ele merece ser. — Trad. Roberto de Sousa Causo.

● William Sleator, The Green Futures of Tycho (Bantam, brochura, 1981, 130 pags); Fingers (Bantam Starfire, brochura, 1983, 197 pags)

Eu já chamei a sua atenção para o trabalho de William Sleator em uma coluna anterior (Megalon 12); desde então eu li mais dois de seus romances e achei que eram dignos de menção. Sleator, você relembrará, é um escritor de "jovem-adulto" (mais ou menos a literatura juvenil que temos no Brasil), o que significa que quando jovens leitores são introduzidos pela primeira vez na ficção científica, os livros dele devem estar provavelmente entre aqueles que eles lêem. Nós não poderíamos ter uma "primeira impressão" melhor.

Há uma escuridão para os livros de Sleator. Quase todos tratam de famílias envenadas e seu protagonista sente-se sempre isolado, até mesmo hostil para os pais ou irmãos ou para ambos. No horror-fantasia Fingers, Sam, o narrador, não tolera o seu irmão mais jovem, Humphrey, uma odiosa criança-prodígio. Quando Humphrey, aos 15, fica grande demais para ser um prodígio, ameaçando a renda da família, Sam é forçado a comprar pretensas peças musicais que todos fingem serem "reveladas" a Humphrey pelo fantasma de um compositor de segunda classe morto chamado Magyar. Mas as suas pretensões tornam-se reais, quando Magyar transforma Sam e Humphrey em algo mais do que eles antes costumavam ser.

The Green Futures of Tycho estrela novamente o irmão estranhamente não-talentoso entre uma família de crianças-gênio; mas quando ele encontra um antigo alienígena que lhe permite a viagem no tempo, ele usa seu novo poder para "endireitar as coisas" na família. O resultado é uma lição sobre o quê o poder absoluto faz. É também uma exploração notável da dinâmica de família.

Nenhum dos livros é tão sofisticado ou sábio quanto o mais recente de Sleator, Singularity, mas ambos são ricos com o seu entendimento dos medos e ressentimentos da alma adolescente. Uma vez que todos nós temos almas adolescentes, embora nos esforcemos para controlá-las, Sleator fala para todos nós. Meu filho de nove anos é apaixonado em seu divertimento pelos livros de Sleator—e eu também. — Trad. Antonio de Sousa Causo.

● Harry Turtledove, A Different Flesh (Congdon and Wood, Isaac Asimov Present, encadernação em pano, abril de 1988)

Quando Colombo veio ao Novo Mundo, ele achou, não "Índios", mas primitivos homens-macacos que foram rápido apelidados de "sims". Inábeis para aprender a linguagem humana ou conceitualizar num nível humano, os sims puderam ainda aprender a fazer ferramentas, puderam ainda serem treinados para fazer trabalhos confiáveis. Poderiam ainda, em outras palavras, serem feitos escravos.

A história americana alternativa de Harry Turtledove A Different Flesh é uma série de irresistíveis histórias sobre cada estágio no desenvolvimento das relações humano-sims. Turtledove pasticha várias formas tradicionais de histórias, dos contos de captura índia ao diário de Samuel Pepys. Mais importante, porém, ele mostra em claro alívio a luta para os seres humanos reconhecerem o parentesco com uma sensível mas inferior espécie.

Em algumas maneiras, a existência dos sims ajuda os humanos a se tratarem melhor—com sims à volta para contrastar, é mais fácil para os americanos do século XIX reconhecerem que os negros são humanos, por exemplo. Mas questões sérias são erguidas na história final, "Freedom", onde sims de 1980 são deliberadamente infectados com AIDS, conduzindo ao desenvolvimento de uma droga que controla mas não cura a doença.

Eu senti agudamente a angústia dos ativistas dos direitos dos sims que raptam um sim infectado, só para se conscientizarem de que é impossível para eles dar-lhe liberdade verdadeira. Isto fez tudo mais poderoso pela decisão de Turtledove em escrever várias passagens pelo ponto de vista do sim. É árduo escrever do ponto de vista de um personagem sub-humano sem sentimentalizar e antropomorfizar até que as verdadeiras experiências entre espécies sejam apagadas.

Turtledove nunca cai nessa armadilha, nem mesmo na história de Henry Quick, um caçador nas Montanhas Rochosas. Quando sua perna é quebrada numa luta com um urso, sua vida é salva por uma tribo de sims, conduzindo através de vários passos naturais para torná-lo um "squawman". Mesmo embora nós juntemos a Quick sentindo afeição real pela fêmea sim que se tornou sua companheira, Turtledove nunca, nem uma vez, sugere que os sims teriam alguma esperança de tornarem-se humanos.

Sua mensagem é mais difícil que essa. Ele insiste que, mesmo sabendo que os sims nunca seriam completamente humanos, eles devem ser deixados para manterem sua dignidade natural; que suas vidas, mesmo como subhumanos, torna-se sagrada pela inteligência que eles têm.

O que é mais perturbador sobre A Different Flesh é o quão pouco Turtledove teve que mudar a história americana a fim de contar a história. Nosso tratamento de índios e negros através da História escassamente diferiu do tratamento dado aos sims neste livro. E se o povo americano na história alternativa de Turtledove pôde aprender a respeitar uma outra espécie, por que foi tão duro para nós aprendermos a mesma lição quanto ao companheiro Homo Sapiens? — Trad. Roberto de Sousa Causo.

CLASSICS

O Dia em que a Terra Parou

por GILBERTO SCHOEREDER

"Klaatu barada nik - te". Esta é uma das frases mais famosas da história da FC no cinema, e foi a que conseguiu deter a total destruição da Terra pelo robô Gert. Quem a pronunciou foi Patricia Neal, e na hora muita gente pensou que ela não conseguiria se lembrar de que tinha que dizer, afinal a língua alienígena é fogo. E ainda por cima, ela estava nervosa, e nunca se sabe o que pode acontecer.

Faz parte de "O Dia em que a Terra Parou", um clássico da FC, e ainda hoje um filme com muitos atrativos.

Baseado na história "Farewell to the Master", de Harry Bates, o filme mostra a chegada à Terra, Washington, é claro, da nave espacial - eu seria melhor dizer disco-voador - do alien Klaatu, interpretado por Michael Rennie, um papel que o acompanhou pelo resto de sua carreira. Ele é o enviado de uma Federação Interplanetária, para demonstrar o "desgosto" dos seres da galáxia pelas atividades nucleares que estão se desenvolvendo na Terra, trazendo uma mensagem bem clara.

A nave desce num parque no centro da cidade, é vista por todos, cerca da pelo exército. Klaatu é atingido por um tiro já ao descer da nave. Traz um presente, e um soldado rapí dinho no gatilho pensa que é uma arma. Klaatu recupera-se, escapa dos médicos, e mistura-se aos humanos, para saber como eles vivem. Para ele é fácil, já que se parece com um humano comum, um artista de cinema talvez. Queria ver se fosse o "Alien" se hospedando numa pensão.

Conhece Patricia Neal e seu filho (Billy Gray), enquanto tenta con-



O robô Gert e o alienígena Klaatu, no começo do filme.

vencer um cientista famoso de que deve reunir os sábios e políticos de todo o mundo para ouvir sua mensagem, que na verdade é um aviso.

Um filme de FC pacifista, nos anos 50 não é uma coisa muito comum. A guerra fria corria solta, e existia em muita gente a idéia de que as bombas, como as cabeças, deviam rolar. O soldado que a

tirou em Klaatu, provavelmente já havia assistido algumas invasões alienígenas no cinema, e provavelmente em seriados. Klaatu é um mensageiro da paz, mas mesmo assim deixa uma ordem para Gert acabar com o mundo caso algo dê errado. Ele planeja um aviso para o planeta, conseguindo de alguma forma extraterrestre e até hoje misteriosa, paralisar todo o planeta, toda a energia que movimenta a vida moderna, desde a eletricidade até os motores a combustão, além de conseguir distinguir os aviões em vôo e hospitais, para que ninguém morra ou seja prejudicado de alguma forma. Alta tecnologia e muitas coisas acontecem. Os militares vão atrás de Klaatu, disfarçado de gente, ele é morto pelas "forças de paz" do glorioso exército americano, porém revivido por Gert, que o coloca num aparelho dentro da nave, Patricia Neal consegue não desmaiar antes de pronunciar a frase que salva a Terra, e Klaatu dá seu alerta a todos. Esqueçam as bombas nucleares e mantenham o planeta inteiro. Robôs policiais, como Gert, permanecerão em órbita da Terra, para verificar se tudo vai bem. É uma mensagem pacifista, sem dúvida, mas com um nítido toque policesco, uma demonstração de força e

peder inegáveis. Algumas pessoas podem achar ruim, mas isso torna a mensagem ainda mais interessante, por ser exatamente o que as grandes potências faziam (e ainda fazem). Não queremos fazer-lhes mal, desejamos apenas a paz, mas para que isso seja bem entendido, mandamos nossos exércitos para ajudar. As arrogantes potências têm de engolir seu próprio remédio e calar a boca.

Pode ser que, hoje em dia, a mensagem pacifista esteja um pouco ultrapassada. Talvez. Mas existe uma outra leitura do filme, bastante interessante, e de aspecto religioso, que compara Klaatu a Jesus Cristo, que vem à Terra, vive entre os mortais, morre e ressuscita. Na pensão onde vive, assume o nome Carpenter -

carpinteiro - a profissão de Cristo. Sua missão é óbvia. Salvar o mundo de seus pecados, no caso, nucleares. E vem acompanhado de um anjo.

Enfim, qualquer que seja a visão que se tenha do filme, trata-se de um excelente momento do cinema, com um grande trabalho de Robert Wise, que em 1970 realizaria outro grande filme de FC, "O Enigma de Andrômeda", e em 1979 a versão para o cinema de "Jornada nas Estrelas" - além dos clássicos de terror, "Desafio ao Além" (MEGALON - 8), "A Maldição do Sangue da Pantera" e "O Túmulo Vazio".

A repetição excessiva na TV talvez tenha cansado um pouco o espectador e esgotado as possibilidades de se ter prazer em assisti-lo, mas "O Dia em que a Terra Parou" permanece como uma obra notável.

O DIA EM QUE A TERRA PAROU (THE DAY THE EARTH STOOD STILL) EUA, 1951. Direção:

Robert Wise. Produção: Julian Blaustein (Fox); Roteiro: Edmund H. North; Fotografia: Leo Tover; Efeitos Especiais: Fred Sersen e Ray Kellogg; Com Michael Rennie, Patricia Neal, Hugh Marlowe, Billy Gray, Sam Jaffe, Lock Martin, Harry Lauter, Francis Bavier, Stuart Whitman. Música: Bernard Herrmann. B&P, 92 minutos.



PRÓXIMA EDIÇÃO: a neveleta Dois Dias na Vida de Alvin Pereira, de Jorge Luiz Calife, que faz parte de seu romance inédito Videorama; a primeira parte da HQ Transmutações Biográficas; capa de Steven Fox; artigo sobre o lendário Fantasma; resenhas; notícias... Não perca!!

MEGALON

ÍNDICE GERAL ANO II

NOVEMBRO 1989 - SETEMBRO 1990

FICÇÃO

Neveleta

- Calife, Jorge Luiz. Linha Terminal. nº 12, pág. 24

Contos

- Calife, Jorge Luiz. História de Pescador. 9, 22.
- Carqueija, Miguel. Invasão dos Egípcios de Marte. 12, 48
- Cause, Roberto de Sousa. A Árvore. 10, 23
- Lucke, Mark(USA). Assemblagem de Passado. 12, 43
- Lucke, Mark(USA). Menstro de Lama, O. 10, 17.
- Melo, Marcos. Chamado Metálico. 12, 41
- M^ores, Carlos André. Estratégias de Combate. 7, 17
- Omirax, Valde. Toque de Mídas, O. 8, 20
- One, Decio. Um Dia na Vida de Rames da Nébreaga. 12, 47
- Prado, Anita Costa. Olho Vivo. 11,16
- Schima, Roberto. Filho de Humem, O. 7. 21
- Schima, Roberto. Três Vértices, Os. 11, 23
- Schima, Roberto. Voando nas Trevas (Poema). 9, 25
- Stecker, Richard. The Pi-A-Saw Bird. 11, 17 (USA)
- Regina, Ivan Carlos. Únicos ET's na Terra Somos Nós, Os. 11, 15

Quadrinhos

- Schima, Roberto. Beto e Mimo. 11, 7
- Schima, Roberto. Opinião. 7, 23
- Sena, Antonio. Batalha Macabra. 8, 27
- Sena, Antonio. Homens e Máquinas. 12, 50
- Silva, José França. Metamorfose I. 11, 33

ARTIGOS

- Branco, Marcelle Simão. Entrevista: André Carneiro. 8, 5
- Branco, Marcelle Simão. Personagens de Weird Tales, Os. 12, 8
- Branco, Marcelle Simão. Star Trek V - The Final Frontier. 7, 12
- Branco, Marcelle Simão e Renato Rosatti. L. Ron Hubbard's Contest. 10, 14; 11, 9; 12, 16.
- Calife, Jorge Luiz. Cradle. 10, 12
- Carpenter, Tebe. Psicopatas. 11, 13
- Cause, Roberto de Sousa. Fandom Report. 8, 15
- Cause, Roberto de Sousa. Kolchak e os Demônios da Noite. 7, 10
- Cause, Roberto de Sousa. Quando Chega a Escuridão. 10, 9
- Cause, Roberto de Sousa. Quem é Orson Scott Card. 9, 28
- Cause, Roberto de Sousa. Segredo de Abismo, O. 9, 14
- Cause, Roberto de Sousa, José dos Santos Fernandes e Maria Angela Calazans Busoloti. Pehl & Cia no Brasil. 9, 16
- Filho, Omar Albio dos Santos. Star Trek - Estudo das Naves da Série III. 7, 11; IV. 8, 17
- Nascimento, R.C. Child Cycle. 11, 11
- Quadrinhos, Mr. Criador e Herói. 7, 5
- Ribeiro, Gerson-Lodi. Insetóides Racionais. 12, 18
- Rosatti, Renato. John Russo. 7, 14

- Scarret, Éder. Horrer Explícite. 9,10
- Schima, Roberto. Onde Nenhum Homem Jamais Esteve. 9, 5
- Schoederer, Gilberto. Anos 80 da FC no Cinema. 12,12
- Silva, César R.T. Uma Nova Era na HQ. 10, 7
- Sedak, Vincente. Lifeforce. 7, 15
- Wirtannen, Allan J. (Finlândia). Máquinas Von Neumann. 12, 21
- Heinz, Ivo Luiz. Ômega - O Planeta dos Condenados. 8, 16

ILUSTRAÇÕES

Capa

- Schima, Roberto. 8, 9 e 12 (baseada em "Linha Terminal")
- Fox, Steven (USA). 10
- Neves, José Carlos. 7
- Neves, José Carlos e César R.T. Silva. 11

Internas

- Cause, Roberto de Sousa. 10, 23; 12, 24, 33, 60
- Fox, Steven (USA). 9, 25; 12, 59
- Lueke, Mark (USA). 12, 46
- Maffetano, Wilson. 9, 34
- Santos, Adalberto José dos. 7, 30
- Schima, Roberto. 7, 16; 8, 26; 9, 22, 24; 10, 5, 6, 8, 13, 17, 21, 25, 31; 11, 10, 15, 23; 12, 11, 35, 39, 40, 41, 48, 57
- Silva, César R.T. 7, 25

SEÇÕES

Editorial per Marcelle Simão Branco. 7 a 12 na página 2

Diário de Bordo (Nacional e Internacional) per Roberto de Sousa Cause 7 a 12 na página 3

Poster

Science Fiction

- If - Worlds of Science Fiction. 10, 16
- The Original Science Fiction Stories. 8, 19

Horrer

- Boris Karloff como "A Múmia". 7, 13
- Lon Chaney Jr. como "O Lobisomem". 9, 13

Contatos per Marcelle Simão Branco

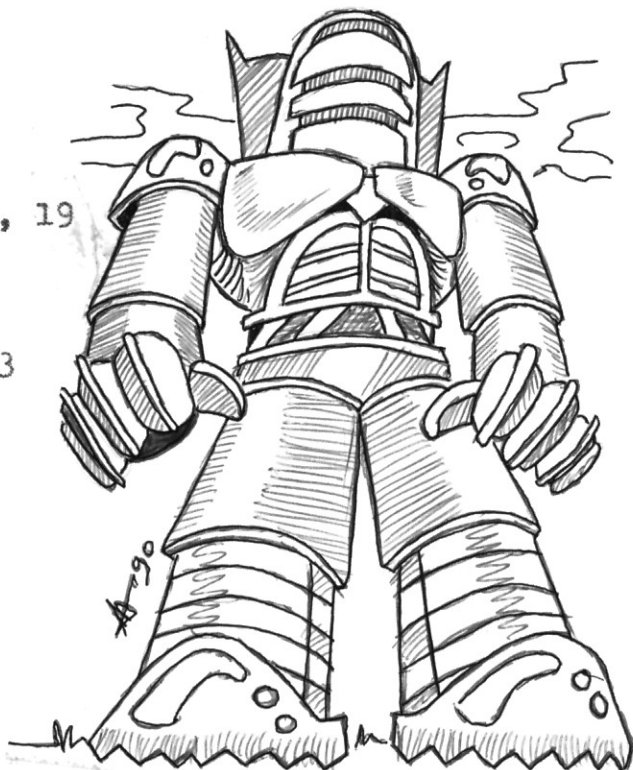
- 8, 14; 9, 21; 10, 5; 11, 6; 12, 6

Ciência per Jorge Luiz Calife

- Abismos Submarinos. 9, 26
- Buracos no Céu. 12, 54
- Filhos de Dr. Moreau, Os. 7, 24
- Hubble: O Sonho e a Realidade. 11, 26
- Previsão de Terremotos. 8, 22
- Projeto S.E.T.I. 10, 26.

FC Br per Jeremias Moranu (resenhas)

- Calife, Jorge Luiz. Trajectoire de Fuite (Trajetória de Fuga) - "Antarés" nº 32. 10, 27; Liquidité (Uma Semana na Vida de Fernando Alonse Filho) - "Antarés" nº 31. 10, 27; Pour L'Amour D'Une Comete (Viagem ao Interior de Halley) - "Antarés" nº 33. 10, 28.
- Castro, Sérgio Fonseca de (editor). Verde...Verde. 8, 23.
- Cause, Roberto de Sousa. La Derniere Chance (A Última Chance) - "Antarés"



nº 34. 10, 28.

- Coelho, Paulo. *Brida*. 12, 55.
- Dérea, Gumercinda Rocha (editor). *Enquanto Houver Natal*. 9, 27
- Flory, Henrique Villiber. *Projeto Evolução*. 11, 27
- Galdino, Luiz. *A Vida Secreta de Jonas*. 7, 26.
- McSucker, Stephan. *Energia Mortal*. 11, 28.
- Paiva, Marcelo Rubens. *Blecaute*. 8, 23.
- Picchia, Menotti del. *Kalum*. 7, 26.
- Tavares, Bráulio. *Cão de Lata ao Rabo - "SET: Terror e Ficção"*. 11, 28.
- Tavares, Bráulio. *Espinha Dorsal da Memória*, A. 10, 27.

Books to Look For per Orson Scott Card (USA) (resenhas)

- Alexander, Lloyd. *The Jedera Adventure*. 9, 31.
 - Asimov, Isaac. *Nemesis*. 9, 31.
 - Asimov, Isaac e Janet. *How to Enjoy Writing*. 9, 31
 - Beagle, Peter S. *The Folk of the Air*. 9, 30.
 - Benford, Gregory. *Great Sky River*. 10, 31.
 - Blumlein, Michael. *The Movement of Mountains*. 10, 29.
 - Beva, Ben. *Cyberbooks*. 9, 31.
 - Beva, Ben. *Welcome to Moonbase*. 12, 57.
 - Bishop, Michael. *The Secret Ascension*. 10, 29.
 - Butler, Octavia. *Image*. 9, 31.
 - Chalker, Jack L. *When the Changeminds Blow*. 10, 31.
 - Charnas, Susy McKee. *The Golden Thread*. 9, 31.
 - Cramer, Katryn e David G. Hartwell. *Christmas Ghosts*. 10, 29.
 - Crowley, John. *Aegypt*. 9, 30.
 - Dickinson, Peter. *Eva*. 9, 31.
 - Geary, Patricia. *Strange Toys*. 9, 30.
 - Goldstein, Lisa. *Tourists*. 9, 31.
 - McDowell, Michael P. Kube. *Isaac Asimov's Robot City: Book 1 - Odissey*. 9, 31.
 - Powers, Tim. *On Strange Tides*. 10, 31.
 - Preuss, Paul. *Starfire*. 12, 56.
 - King, Stephen. *Misery*. 9, 29.
 - King, Stephen. *The Tommyknockers*. 12, 57.
 - Reynolds, Mack. *Guerra Total (Computer War)*. 11, 30 (resenha de M. Carqueija)
 - Reynolds, Roger (editor). *The Future Focus Book of Lists II : The Sequel*. 10, 30.
 - Rice, Anne. *O Vampire Lestat (The Vampire Lestat)*. 11, 29; (resenha de Gilberto Scheereder).
 - Robinson, Kim Stanley. *The Planet on the Table*. 9, 29.
 - Sessions, Bob (leitor) - fita k7 - *Analog Presents: Thunder and Roses*. Theodore Sturgeon; *Rockabye Baby*. S.C. Sykes. 10, 30.
 - Shaw, Bob. *The Ragged Astronauts*. 9, 29.
 - Shepard, Lucius. *Jaguar Hunter*. 9, 29.
 - Sleator, William. *The Boy Reversed Himself; Singularity; Into the Dream; Interstellar Pig; Blackbriar*. 12, 56.
 - Stanton, Mary. *The Heavenly Horse from the Outermost West*. 12, 56.
 - Veinovich, Vladimir. *Moscow 2042*. 9, 30.
 - Williamson, Chet. *Ash Wednesday*. 9, 29.
 - Wolfe, Gene. *The Urth of New Sun*. 10, 30.
 - Wolverson, Dave. *On My Way to Paradise*. 9, 31.
- OBS.: Traduções de Antonio e Roberto de Sousa Cause, 9 e 10; Fábio Fernandes, 12.

Classics per Gilberto Scheereder (resenhas)

- *Casa da Noite Eterna*, A (The Legend of Hell House). 12, 58.
- *Desafio ao Além* (The Haunting). 8, 25.
- *Inocentes*, Os (The Innocents). 10, 32.
- *Planeta Proibido* (Forbidden Planet). 9, 32.

- Tren - Uma Odisséia Eletrônica(Tren). 7, 29(ressenha de Moebius Ring).
- Uma Sepultura na Eternidade(Quatermass and the Pit). 11, 31.
-

Cartas

Esta é a mais nova seção de MEGALON, onde está aberto o espaço para comentários, críticas e sugestões sobre o fanzine e questões relativas à FC, Horror e Fantasia de Brasil. Participe!

- Inicialmente, parabéns pela merecida conquista de Prêmio Nova/89 como melhor fanzine. Desde meados de 1989 que eu estava apostando em vocês. Obrigado por não me deixarem perder dinheiro! O conto de Miguel Carqueija publicado no nº 12 não me é estranho... Vocês têm a certeza de que o mesmo já não foi publicado em outro fanzine, ou no próprio MEGALON? Única crítica: não daria para vocês evitarem seccionar as matérias com o já tradicional "Continua na página...". Compreendo que revistas que sobrevivem não só das assinaturas, como das matérias pagas e propagandas devem adotar este procedimento; mas este não é o caso do MEGALON. Vida longa e próspera ao MEGALON. --- Gérson Lodi-Ribeiro, Rio de Janeiro, RJ.

R: Obrigado pelos elogios e o apoio que você tem me dado. O conto de Carqueija, que eu saiba, é inédito; só se você já leu em outro zine ou ele te mostrou em pessoa. O "Continuamos na pág. ..." não está presente nesta edição, mas infelizmente pode voltar, porque preciso fazer o zine com um nº certo de páginas para calcular o prejuízo que terei com a edição. Até breve.

- Estou iniciando uma série de viagens a negócios para o meu estado de origem, onde espero reforçar algumas amizades. Infelizmente isso representará um drástico corte em minha disponibilidade de tempo, resultando num decréscimo em minhas colaborações junto ao seu fanzine e ao de Roberto Cause. Eventualmente deverei colaborar com uma matéria ou outra, mas certamente não poderei manter meu compromisso de uma coluna permanente. Quero contar com sua compreensão, e desejo-lhe que continue fazendo o bom trabalho que tenho acompanhado até o momento. --- Jeremias A. Moranu, Nova Odessa, SP.

R: É lamentável - diga-lhe isso de no

ve- que você saia de cena, seja no MEGALON ou no Papêra. Tenho recebido cartas e apelos para convencê-lo a não desistir de sua coluna, inédita em proposta e alta e polêmica em qualidade. Espere que retorne em breve.

- É chato e intrigante saber dos problemas que vem sofrendo o MEGALON, considerando que é um fanzine que a cada dia atinge um melhor nível, possui participações internacionais invejáveis, resenhas densas e pertinentes, etc. que já lhe renderam o Prêmio Nova 1989 - e o fanzine continua com o nº de assinaturas caindo!? No meu entender o fandom como um todo deveria promover um programa de promoção de fanzine, e nesse ponto você pode contar comigo. A saída de Renato Rosatti também deixa em maus lençóis, mas nisso também eu ofereço minha ajuda, propondo-me a atuar como uma espécie de assistente editorial. Você dá as ordens, eu obedeço. Aquele abraço. --- Roberto de Sousa Cause, Sumaré, SP.

R: Realmente é intrigante o zine ter o potencial que tem e ser desprestigiado por parte do fandom. Isto é Brasil... Agradeço muito sua força, apoio e colaboração de sempre, e sem esta edição e a continuidade do zine estaria definitivamente comprometida. Um abraço.

Para mandar sua carta, escreva no envelope: MEGALON - Cartas, para minha identificação.

Estou esperando a sua, não perca tempo!

83
Sonder
Cory B

